



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

CÉLIA MARIA DE OLIVEIRA ELOI MACHADO

**A FESTA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA DO CEARÁ E OS FESTEJOS DO
PAU DA BANDEIRA COMO ATRATIVO TURÍSTICO**

JUAZEIRO DO NORTE – CEARÁ

2019

CÉLIA MARIA DE OLIVEIRA ELOI MACHADO

A FESTA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA DO CEARÁ E OS FESTEJOS DO
PAU DA BANDEIRA COMO ATRATIVO TURÍSTICO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão de Negócios Turísticos. Área de Concentração: Gestão dos Negócios e dos Territórios Turísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luzia Neide M. T. Coriolano.

JUAZEIRO DO NORTE – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Machado, Célia Maria de Oliveira Eloi.

A Festa de Santo Antonio de Barbalha do Ceará e os festejos do pau da bandeira como atrativo turístico [recurso eletrônico] / Célia Maria de Oliveira Eloi Machado. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 109 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Juazeiro do Norte, 2019.

Área de concentração: Gestão dos Negócios e dos Territórios Turísticos.

Orientação: Prof.^a Ph.D. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano.

1. Festa de Santo Antônio. 2. Manifestações Culturais. 3. Turismo Religioso. 4. Religiosidade Popular. 5. Sagrado e Profano. I. Título.

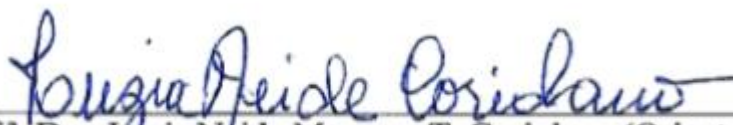
CÉLIA MARIA DE OLIVEIRA ELOI MACHADO

A FESTA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA DO CEARÁ E OS FESTEJOS DO
PAU DA BANDEIRA COMO ATRATIVO TURÍSTICO

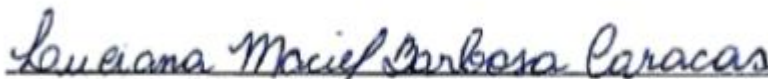
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para à obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios Turísticos. Área de Concentração: Gestão dos Negócios e dos Territórios Turísticos.

Aprovado em: 12 de fevereiro de 2019.

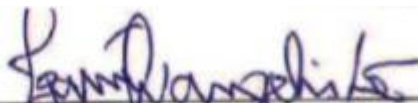
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Izia Neide Menezes T. Coriolano (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof.ª. Dra. Luciana Maciel Barbosa Caracas
Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza - SME



Prof.ª. Dra. Izaira Machado Evangelista
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

À minha família, na certeza do apoio incondicional e da presença invisível deles em cada palavra escrita aqui. Em especial ao meu esposo Carlos que sempre acreditou em meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é força presente em todos os caminhos da minha vida.

Aos meus pais e a minha tia Vanda que me deram a vida e a quem honro diariamente com o meu sucesso e felicidade.

Aos meus descendentes, meus queridos filhos, que iluminam minha vida.

Em especial, ao meu esposo que acreditou em minha capacidade e compartilha comigo todos os meus sonhos e realizações.

À professora Doutora Luzia Neide Coriolano pela orientação que foi fundamental na elaboração da dissertação. Obrigada pela dedicação, amizade, paciência, incentivo e por acreditar que somos capazes de realizar o nosso melhor como pesquisadora, profissional e como pessoa.

“Se vos adoce o filho, Santo Antônio; se vos foge o escravo, Santo Antônio; se mandais a encomenda, Santo Antônio; se esperais o retorno, Santo Antônio; se requereis o despacho, Santo Antônio; se aguardais a sentença, Santo Antônio; se perdeis a menor miudeza da vossa casa, Santo Antônio; e, talvez, se quereis os bens alheios, Santo Antônio”.

(Padre Antonio Vieira, apud Cascudo, 1969, p. 128).

RESUMO

Essa dissertação tem como título “A festa de Santo Antonio de Barbalha do Ceará e os festejos do pau da bandeira como atrativo turístico”. Barbalha é uma das cidades destaques na Região Metropolitana do Cariri e tem como padroeiro Santo Antônio. A cidade é conhecida pela festa que realiza, sobretudo pelas peculiaridades que entrelaça ritos sagrados católicos e manifestações culturais profanas. Na região caririense a religiosidade das famílias é celebrada em dois momentos importantes, nas festas religiosas de Padre Cícero em Juazeiro do Norte e a festa de Santo Antônio em Barbalha. A festa de Barbalha é o objeto de investigação e a relevância está em diferenciar as festividades religiosas que, além de festejarem o santo padroeiro, usam múltiplos aspectos das manifestações encontradas na cultura popular da região, integrados aos rituais que excedem o campo do sagrado e invadem o espaço profano durante as celebrações. Os autores que se utiliza na base teórica Eliade (1992), Gertz (2008), Bakthin (1993), Gizburg (1989; 2005), Steil (2003) e Abumassur (2003), entre outros, por referência na área da pesquisa. O objetivo geral é analisar a convergência dos fenômenos turismo e religiosidade a partir da Festa de Santo Antônio em Barbalha – CE. A metodologia empregada foi à etnográfica que de acordo com Mattos (2011), tanto a etnografia tradicional (GEERTZ, 1989; LÉVISTRAUSS, 1988) quanto moderna (ERIKSON, 1992; WOODS, 1986; MEHAN, 1992; WILLIS, 1977), estudam padrões previsíveis das percepções e comportamento manifestos na rotina diária dos sujeitos estudados. Identificou-se durante a pesquisa que o imaginário popular da festa religiosa não separa os aspectos sagrados e profanos. A festa do Santo é de relevante interesse econômico para o poder público e para a iniciativa privada pelo impulsionamento turístico que é dado na cidade. Além da religiosidade e relevância cultural para residentes e visitantes.

Palavras-chave: Festa de Santo Antônio. Manifestações Culturais. Turismo Religioso. Religiosidade Popular. Sagrado e Profano.

ABSTRACT

This dissertation is entitled "The feast of Santo Antonio de Barbalha do Ceará and the celebrations of the flag pole as a tourist attraction." Barbalha is one of the highlights cities in the Metropolitan Region of Cariri and has as patron Saint Anthony. The city is known for its feast, especially for the peculiarities that intertwine Catholic sacred rites and profane cultural manifestations. In the region of Cariri the religiosity of the families is celebrated in two important moments, in the religious festivals of Padre Cícero in Juazeiro do Norte and the feast of Santo Antônio in Barbalha. The party of Barbalha is the object of investigation and the relevance is to differentiate the religious festivities that, besides celebrating the patron saint, use multiple aspects of the manifestations found in the popular culture of the region, integrated to the rituals that exceed the field of the sacred and invade the profane space during the celebrations. The authors used the theoretical basis Eliade (1992), Gertz (2008), Bakthin (1993), Gizburg (1989; 2005), Steil (2003) and Abumassur (2003), among others, by reference in the research area. The general objective is to analyze the convergence of the phenomena tourism and religiosity from the Festa de Santo Antônio in Barbalha - CE. According to Mattos (2011), both the traditional ethnography (GEERTZ, 1989; LÉVISTRAUSS, 1988) and the modern one (ERIKSON, 1992; WOODS, 1986; MEHAN, 1992; WILLIS, 1977) perceptions and behaviors manifest in the daily routine of the subjects studied. It was identified during the research that the popular imaginary of the religious feast does not separate the sacred and profane aspects. The Feast of the Saint is of relevant economic interest to the public power and to the private initiative for the tourist boost that is given in the city. Besides the religiosity and cultural relevance for residents and visitors.

Keywords: Saint Antonio Party. Cultural Manifestations. Religious Tourism. Popular Religiosity. Sacred and Profane.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Santuário Nacional de Aparecida.....	42
Figura 2 – Igreja Matriz de Juazeiro do Norte	43
Figura 3 – Mapa de localização do município de Barbalha – CE	48
Figura 4 – Vista de Barbalha	49
Figura 5 – Sítios São Joaquim e Flores, e matriz de Santo Antonio.....	55
Figura 6 – Escolha da árvore para mastro da bandeira de Santo Antônio .	56
Figura 7 – Cortejo para corte do pau, puxado pelo organizador	57
Figura 8 – Saída da população para o corte do pau	58
Figura 9 – Ornamentação na festa de Santo Antonio	59
Figura 10 – Corte do pau da bandeira de Santo Antonio.....	61
Figura 11 – Pessoas pegam no pau da bandeira de Santo Antonio	61
Figura 12 – Barraca Cachaça do Sr. Vigário	63
Figura 13 – Penitentes de Barbalha.....	68
Figura 14 – Reisado	69
Figura 15 – Zabumbeiros	69
Figura 16 – Banda Cabaçal de Barbalha-CE	70
Figura 17 – Incelências na abertura da Festa de Santo Antonio	76
Figura 18 – Anúncio da Festa 2018	77
Figura 19 – Ornamentação da praça em frente à matriz-2018.....	80
Figura 20 – Atrações musicais da festa.....	80
Figura 21 – Confecção dos adereços para a Festa de Barbalha.....	81
Figura 22 – Ornamentação das ruas	82
Figura 23 – Boneco gigante Mateus.....	82
Figura 24 – Carregamento do mastro das crianças.....	83
Figura 25 – Pau da Bandeira Mirim.....	84
Figura 26 – Casamento coletivo que compõe a festa religiosa	86
Figura 27 – Missa de Abertura da Festa	88
Figura 28 – Benção da Bandeira.....	88
Figura 29 – Fincamento do Pau em frente à Igreja Matriz de Barbalha/CE	89
Figura 30 – As Barracas.....	90
Figura 31 – Procissão de Santo Antônio	91
Figura 32 – Grupo de Amigos Fantasiados com abadás	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha
D.O.E	Diário Oficial do Estado
DPI	Departamento de Patrimônio Imaterial do Estado do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
RMC	Região Metropolitana do Cariri
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CAMINHO METODOLÓGICO DA DISSERTAÇÃO	16
2.1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.2	FESTA SAGRADA E PROFANA	28
2.3	PASSOS DA PESQUISA	32
3	O TURISMO RELIGIOSO NO CONTEXTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA	39
3.1	FESTAS POPULARES E RELIGIOSAS	40
3.2	PEREGRINAÇÕES A SANTUÁRIOS	42
4	A FESTA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA	47
4.1	RELIGIOSIDADE POPULAR E INTERAÇÃO CULTURAL	51
4.2	PREPARATIVOS PARA O CORTEJO DO PAU DA BANDEIRA.....	54
4.3	DA ORNAMENTAÇÃO DA CIDADE ÀS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PRESENTES NA FESTA.....	78
5	CONCLUSÃO	94
	REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação “A Festa de Santo Antônio de Barbalha do Ceará e os festejos do Pau da Bandeira como atrativo turístico” estuda a festa religiosa de Barbalha, uma das cidades destaques na Região Metropolitana do Cariri (RMC), que tem como padroeiro Santo Antônio. Os festejos do Pau da Bandeira envolvem ritos sagrados e profanos nas manifestações culturais.

A história de Barbalha é construída ainda no século XVIII, quando chega o português Francisco Magalhães de Sá Barreto, quarto proprietário da fazenda Barbalha, dono de grandes porções de terras, na área vizinha ao Riacho do Ouro, em Barbalha. Lugar onde o português criava gado, produzia e comercializava produtos oriundos da atividade agropecuária, exportava além de carne, gêneros alimentícios e couro. Tendo em vista o desenvolvimento econômico do lugar, o proprietário doa parte do terreno para construção da capela, que atraía o povo do lugar para celebrar os ofícios religiosos, como forma de agradecer as graças recebidas de Deus (NEVES, 1988).

A região caririense é conhecida pela religiosidade das famílias que celebram, em diversos momentos, importantes festas religiosas como a de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, a festa de Santo Antônio, em Barbalha, e Nossa Senhora da Penha, no Crato. A festa de Barbalha é objeto de análise na dissertação e a relevância desse estudo está nas festividades religiosas para homenagear o Santo Padroeiro, na prática dos rituais sagrados ligados à religião, nas manifestações culturais que invadem o lugar com festa profana e ampliação do comércio de objetos sagrados. A religiosidade expressa formas de cultura e devoção aos padroeiros. Acredita-se que a vivência sagrada e as festas profanas mostram a magnitude da festa de Santo Antonio.

Na região caririense a religiosidade das famílias é celebrada em vários momentos importantes, em especial nas festas religiosas dos municípios, na Renovação do Sagrado Coração de Jesus ou Renovação da Fé¹, cerimônia comum

¹ A “renovação” teve origem com o Padre Cícero Romão Batista, em 1888. Nesse ano o Padre Cícero criou o Apostolado da Oração e orienta as “famílias a entronizarem nas suas casas a imagem do Sagrado Coração de Jesus e anualmente renovarem o acontecimento, juntamente com todas as pessoas da comunidade. Cada família a partir de então passa a calendarizar mais um dia de lembrança, de invocação ao santo da Igreja e aos santos de sua devoção”. Cf. FIGUEIREDO, José Nilton de. A (com)sagração da vida: formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe. Recife: UFPE, 1998, p. 122-123. Dissertação (Mestrado em Antropologia).

entre os católicos do Cariri cearense, romarias em Juazeiro do Norte que reúne o maior centro de romarias do Ceará, sendo forte marca religiosa, de influência do Padre Cícero, que extrapola os limites de Juazeiro do Norte, trazendo peregrinos do Nordeste, Brasil e países vizinhos. Essa manifestação é motivada pela crença na santificação de Padre Cícero.

A dimensão simbólica da fé se perpetua, atualizando práticas contemporâneas, que ganham relevância, levando ao reconhecimento às festas monumentais e espetacularizadas.

As festas dos santos padroeiros com manifestações culturais e religiosas de diversas comunidades absorvem de forma sistemática a organização dos eventos que passam a ser realizados profissionalmente. Barbalha apresenta característica marcante da organização administrativa, que assegura ordem e eficiência nos eventos religiosos culturais carregados de manifestações populares.

No contexto geográfico, o município de Barbalha localiza-se no sul do estado do Ceará. De acordo com o Anuário Estatístico do Ceará (2017), publicado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), o Cariri encontra-se na mesorregião sul cearense. Ocupa área aproximada de 14.799,6 km², agregando 25 municípios.

A Região Metropolitana do Cariri (RMC), criada pela Lei Estadual Complementar nº 78, de 26 de junho de 2009, (D.O.E, série 3, ano I, nº 121, 03 de julho de 2009, pp. 01-2), ocupa área aproximada de 5.460.10 km² e abriga população estimada em 601 mil habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), sendo este conjunto de moradores das cidades os principais devotos dos santos.

A Região Metropolitana do Cariri é a segunda maior aglomeração urbana do Ceará, fica atrás apenas da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Barbalha se destaca na região metropolitana, assim como Juazeiro do Norte e Crato (triângulo CRAJUBAR). As três maiores cidades que polarizam atividades comerciais, industriais, educacionais e serviços. Sabe-se que cada vez mais aumenta o fluxo de turismo religioso em todos os lugares.

A região do Cariri é culturalmente significativa por abrigar grande número de residentes escritores, poetas populares, cordelistas, participantes de grupos folclóricos e por possuir notável patrimônio histórico-arquitetônico. Possui edificações antigas datadas dos séculos XVIII e XIX, algumas catalogadas e

tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a exemplo do Engenho Tupinambá, em Barbalha, construído em 1830. Este espaço é considerado um dos últimos exemplares do Nordeste, com a casa grande e com engenho conjugado sendo agora o Museu da Rapadura, além de prédios típicos da arquitetura colonial, como o Casarão Hotel, construído em 1859, que abrigava senzalas no subsolo, armazéns no térreo e residência no primeiro andar, bem como a Casa da Câmara Municipal e a Cadeia Pública.

Ao longo do tempo, a festa de Santo Antonio evolui até chegar o formato festivo dos dias atuais. Predominava apenas a festa sagrada, sendo a religião o motivo da festa popular. A Festa de Santo Antônio ganha nova edição com a inclusão dos elementos culturais, de forma que a festa profana fica indissociável aos festejos do padroeiro de Barbalha.

Cada vez mais aumenta as viagens de cunho religioso cultural em nível mundial, que se devem principalmente às atrações turísticas, e manifestações religiosas e culturais. Em outra perspectiva, o consumo cultural tem cada vez mais contribuído com o processo de seleção e decisão dos turistas.

A relevância do tema deve-se a importância da festa para o Cariri em especial para as famílias da região e para a cidade de Barbalha, sendo a festa considerada um atrativo turístico da região Metropolitana do Cariri. A festa é evento sociocultural que atrai centenas de pessoas de todo o estado do Ceará e de fora dele. Torna-se relevante estudar o evento porque muitos fatos e conhecimentos produzidos na festa de Santo Antônio precisam ser melhor compreendidos. As manifestações culturais tornam a festa diferente da festa de Padre Cícero. A festa de Juazeiro do Norte que homenageia Padre Cícero não apresenta manifestações culturais e folclóricas como a de Barbalha. A homenagem ao Padre Cícero detém-se a ritos sagrados e roteiros religiosos, como: visita ao túmulo e estátua, rota religiosa sem manifestações culturais, portanto, outros ritos. A festa religiosa de Barbalha é também festa profana sendo esta maior do que a festa sagrada.

É de suma importância inserir a festa profana, a sagrada, conhecer os ritos sagrados e culturais. O rito do pau da bandeira na festa de Santo Antônio é original e simbólico. Com o propósito de conhecer esta realidade se faz os questionamentos:

Como ocorre a festa de Santo Antônio de Barbalha no Ceará e quais as manifestações culturais no espaço profano?

Em decorrência do problema principal, elaboram-se seguintes questionamentos:

- Como é celebrada a festa de Santo Antônio?
- Como surge a ideia de retirar o tronco da árvore para ser mastro da bandeira do santo?
- Como é realizado o cortejo do tronco da mata para a festa?
- Como se realiza a festa profana de Santo Antônio de Barbalha?
- Quais as manifestações folclóricas apresentadas na festa de Santo Antônio de Barbalha?
- Quais as contribuições da festa de Santo Antônio para o crescimento socioeconômico de Barbalha?

Define-se como objetivo geral:

- Analisar a festa de Santo Antônio de Barbalha no Ceará e as Manifestações Folclóricas Correlacionadas em interação com o Turismo Religioso.

Específicos:

- Identificar como é celebrada a festa de Santo Antônio.
- Explicar como se dá a retirada do tronco da árvore para ser mastro da bandeira do santo e a discussão dos impactos.
- Compreender a realização do cortejo do tronco da mata para a festa.
- Conhecer a festa profana.
- Explicar as manifestações folclóricas da festa de Santo Antonio.
- Analisar as contribuições da festa de Santo Antônio para o crescimento socioeconômico de Barbalha e o turismo religioso.

A dissertação está dividida em quatro partes. Na primeira apresenta-se a Introdução com a contextualização do objeto, justificativa, problematização, questionamentos e objetivos. Na segunda tem-se a opção pela metodologia etnográfica, procedimentos para realização da pesquisa e a fundamentação teórica. Na terceira parte o turismo religioso e as festas populares. Exemplificam-se algumas festas religiosas no Brasil e no mundo, procurando fazer aproximação entre elas e a festa de Santo Antônio. A quarta parte da dissertação analisa A Festa de Santo Antonio de Barbalha com os ritos sagrados e como ocorre a festa profana com a explosão das manifestações culturais. Por último, conclusão e referências.

2 CAMINHO METODOLÓGICO DA DISSERTAÇÃO

Optou-se pelo método etnográfico, pois a etnografia sugere caminho guiado pelo senso questionador do etnógrafo apontado pelos padrões culturais de comunidades, grupos ou sociedades. Desta forma, a utilização de procedimentos e técnicas etnográficos, não segue padrões rígidos, pré-determinados, mas respeita o senso do etnógrafo na realização do trabalho de campo, inserido no contexto social da pesquisa. Segundo Wielewincki (2001) a etnografia estuda costumes de povos, culturas e crenças.

Os instrumentos de coleta e análise utilizados nas abordagens para realização da pesquisa atendem a realidade do trabalho de campo. O processo de pesquisa etnográfica é determinado explícita ou implicitamente pelas questões culturais propostas pelo pesquisador. O método etnográfico diferencia formas de construção de conhecimento antropológico em relação a outros campos de conhecimento das ciências humanas.

A etnografia como abordagem de investigação científica traz contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudos que se interessam pelas práticas culturais, processos de exclusão e situações sócio-interacionais. E assim, preocupa-se com a análise da cultura, entendendo-se que a cultura “não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas” (MATOS, 2011, p. 50).

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos na rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos previsíveis e manifestados particulares em determinado contexto interativo entre as pessoas e grupos.

Em etnografia, observam-se os modos como os grupos sociais ou pessoas conduzem as vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas acreditam. Documenta, monitora, encontra o significado das ações humanas, sobretudo as culturais.

A etnografia, tradicional e moderna, envolve períodos de observação dos fatos culturais (MATTOS, 2011). Período necessário para que o pesquisador possa entender e validar o significado das ações culturais dos participantes, de forma que

este encontre o mais representativo possível do significado que as pessoas pesquisadas dariam a mesma ação, evento ou situação interpretada.

O método etnográfico possui especificidade por ser desenvolvido no âmbito da antropologia cultural, composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados à prática de trabalho de campo a partir de convivências mais ou menos prolongadas do pesquisador junto ao grupo social estudado. O que justifica a pesquisadora se envolver com o tema onde se insere.

A prática da pesquisa de campo etnográfica responde à demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir da inter-relação entre o pesquisador e o sujeito pesquisados que interagem no contexto. E recorrem primordialmente às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, e entrevistas não diretivas.

A pesquisa etnográfica procura analisar o conjunto de entendimento e de conhecimento específico compartilhado entre participantes que guia o comportamento em contexto específico, isto é, a cultura do grupo (HORNBERGER, 1994).

É consensual que a etnografia estuda cultura de grupo de pessoas, interessadas no ponto de vista dos sujeitos pesquisados, o que não deixa de ser problemático. Assim sendo, utilizam-se, no percurso da pesquisa, as práticas etnográficas, que fundamenta o contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, em Barbalha, permitindo reconstruir processos e relações que configuram experiências (ANDRÉ, 2005). Portanto, adequa-se aos estudos das manifestações folclóricas da festa sagrado-profana de Santo Antônio.

A etnografia é um processo guiado de modo influente pelo senso questionador do etnógrafo. Desta forma, a utilização de procedimentos e técnicas etnográficas, quebram os padrões rígidos ou pré-determinados, e priorizam o senso que o etnógrafo desenvolve junto à experiência vivida a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa (PEIRANO, 2014).

Segundo Wielewincki (2001) o conceito de etnografia encontrada em dicionários, como normalmente acontece em relação às disciplinas remete aos estudos dos povos e de culturas. Todos esses questionamentos ocorrem na pesquisa de campo, entre os momentos da pesquisa etnográfica que surpreendem o pesquisador, que nessa modalidade apresenta-se não apenas como investigador, mas com sujeito atravessado pela experiência e cotidiano, diante de fenômeno complexo e dos limites de onde começa e acaba a pesquisa diluem-se (PEIRANO, 2014).

Diante da especificidade da abordagem metodológica os instrumentos de coleta e análise utilizados também são específicos para atender as necessidades do trabalho de campo em questão, que são definidas e construídas de forma implícita ou explícita pelo próprio pesquisador.

De acordo com Hammersley (1990), o termo etnografia refere, em termos metodológicos, investigação social que comporte a generalidade das seguintes funções:

- o comportamento das pessoas é estudado no seu contexto habitual e não em condições artificiais criadas pelo investigador;
- os dados são recolhidos por meio de fontes diversas, sendo a observação e a conversação informal as mais importantes;
- a recolha de dados não é estruturada, no sentido em que não decorre da execução de um plano detalhado e anterior ao seu início, nem são pré-estabelecidas as categorias que serão posteriormente usadas para interpretar o comportamento das pessoas (o que não significa que a investigação não seja sistemática, mas apenas que os dados são recolhidos em bruto, segundo um critério tão inclusivo quanto possível);
- o foco do estudo é um grupo não muito grande de pessoas, mas, na investigação de uma história de vida, o foco pode ser uma única pessoa;
- a análise dos dados envolve interpretação de significado e de função de ações humanas e assume uma forma descritiva e interpretativa, tendo a (pouca) quantificação e análise estatística incluída, um papel meramente acessório.

O método etnográfico contribui para explorar realidades culturais em amplos aspectos para compreensão do objeto analisado na dissertação. A etnografia como abordagem de investigação científica traz contribuições para o campo da pesquisa qualitativa, em particular para os estudos que se interessam pelas manifestações folclóricas.

A pesquisa etnográfica procura descrever o conjunto de entendimento e de conhecimentos específicos compartilhados entre participantes que guia o comportamento naquele contexto específico, isto é, a cultura daquele grupo (HORNBERGER, 1994).

Consensual é que a etnografia dá conta da cultura de um grupo de pessoas, interessadas no ponto de vista dos sujeitos pesquisados. Assim sendo, utilizou-se a pesquisa etnográfica, que se define fundamentalmente pelo contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permitindo reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência cotidiana.

A etnografia estuda a ação concreta do sujeito de forma aprofundada a partir da observação de como essas pessoas conduzem a vida, observando o fazer de cada ação na tentativa de apreender os múltiplos significados (MATTOS, 2011). A escolha pela abordagem etnográfica se justifica por compreender dois níveis de investigação: o primeiro é o nível macro baseado no enquadre no nível da relação do profano e sagrado na festa de Santo Antônio e no nível micro as manifestações culturais inseridas no contexto do turismo religioso.

O indivíduo está inserido em um meio social, sendo assim tudo o que produz possui representação social, evidenciando questões problematizadoras pertencentes ao ambiente social em que está inserido. A fala dos sujeitos está sempre dirigida direta ou indiretamente a outro sujeito esperando algum tipo de resposta, evidenciando-se assim uma relação social que corrobora no surgimento de novos significados e sentidos (MATTOS, 2011).

Devido à dimensão da festa e a quantidade de pessoas que participam envolvendo-se de forma direta e indireta para a realização foi necessário delimitar os participantes para coletas de dados na pesquisa de campo. Observando-se as múltiplas manifestações folclóricas constituintes do aspecto profano da festa evidencia-se que o método fenomenológico atende na referida análise.

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Definem-se como categorias de análise os conceitos básicos: turismo, segmentos turísticos, turismo cultural, turismo religioso, cultura e identidade cultural. O turismo é um fenômeno socioeconômico relativamente novo e possui características multidisciplinares. Desde meados do século XX, são elaboradas acepções a respeito de turismo, cada uma delas destaca diferentes aspectos do fenômeno ou, ainda, os mesmos aspectos, porém utilizando bases teóricas distintas.

O turismo é considerado produto da cultura, no sentido amplo do termo. Por isso, as explicações de caráter econômico são utilizadas, mas a atividade

transcende o econômico, pois contempla outras dimensões (MOLINA; RODRIGUEZ, 2001, p. 09).

Boyer (*apud* AMIROU, 2007, p. 19) afirma que o “turismo é manifestação essencial da cultura de massas. A escolha é individual, mas condicionada: a pessoa faz de um dado local turístico [...] não se compreende nem explica fora do contexto cultural”.

O desenvolvimento do turismo está diretamente relacionado ao capitalismo. A partir de 1960 explodiu, como atividade de lazer, para milhões de pessoas e como fonte de lucros e investimentos com lugar garantido no mundo financeiro internacional. Conforme Moesch (2004), o primeiro registro da palavra turismo aparece na modernidade em 1800 no contexto inglês. Em Oxford, em 1950, “turismo é a teoria e prática de viajar, deslocar-se para lazer” (MOESCH, 2004, p. 17).

Molina e Rodriguez (2001) criticam as definições de turismo que enfatizam apenas o aspecto econômico e subestimam os aspectos culturais, ambientais, sociais, ideológicos, e psicológicos do fenômeno. Nas conceituações de ordem cultural são mais abrangentes e completas, os autores justificam a ideia com a seguinte afirmação: o turismo é atividade que mais cresce, desenvolve e gera riquezas. Combina, de modo complexo, inter-relacionamentos entre produção e serviços. É inserido no setor terciário ou de serviços. E, mais que indústria, o fenômeno turístico é:

Um campo de práticas histórico-sociais que pressupõe o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do seu cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL; MOESCH, 2000, p. 11).

A atividade turística envolve movimento constante de pessoas, que se deslocam de um local de origem a um destino qualquer. O deslocamento e a permanência de pessoas para longe do lugar de moradia provocam profundas alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais que podem apresentar aspectos positivos e negativos. Cruz (2002) relaciona o turismo com a paisagem natural e cultural:

O turismo é a única atividade econômica em que o consumo do espaço constitui razão de ser. Para nenhuma outra atividade econômica, a porção visível do espaço geográfico – a paisagem – é tão relevante. Daí o significado da preservação do patrimônio natural e cultural do País para o turismo (CRUZ, 2002, p. 57).

O turismo é cada vez mais entendido como uma atividade econômica que exerce influência em diversos setores: religioso, político, cultural, ecológico e rural. Essa atividade, em comparação com outras, necessita de menores investimentos, já que existe a possibilidade de aproveitar os recursos existentes nos próprios lugares como forma de investimento turístico.

O turismo mudou e evoluiu ao longo dos anos. Isto não ocorreu aleatoriamente, sempre esteve intrinsecamente ligado com as características da sociedade e o contexto econômico, social, político, e cultural que o envolvia. É compreensível, portanto, que, diante da globalização, da sociedade de consumo estabelecida, do avanço tecnológico dos meios de comunicação e transporte, o turismo da modernidade também tenha características novas (OLIVEIRA, 2006, p. 21).

Em vista disso, o turismo engloba viagens, dentre elas as de peregrinação e quaisquer outras motivadas pela busca ao sagrado e as transformou em rico segmento de mercado. Desse modo, Abumanssur (2003) ressalta que o turismo religioso é uma atividade complexa que compreende a produção e o consumo. Os restaurantes, lanchonetes, barracas, camelôs, parque de diversões, hotéis, pousadas, lojas de artesanato, transporte; enfim, tudo isso coloca o turismo religioso em uma postura de relacionar-se atrelada ao consumo e ao lazer.

Entre os segmentos turísticos ressalta-se na dissertação o turismo cultural e o religioso. O turismo cultural compreende todas as manifestações culturais que representam a identidade cultural de um povo, em uma determinada região ou comunidade. Entre as manifestações culturais encontram-se as religiosas. O turismo se utiliza da cultura-produto para desenvolver atividades turísticas de cunho não só econômico, mas social, além de trabalhar o fortalecimento da identidade de regiões e manutenção da identidade cultural, mostra Tomazzoni (2008).

O turismo apropria-se do patrimônio na prática sendo um dos principais elementos de definição de roteiros e investimentos na área. [...] preocupa-se com o patrimônio histórico e cultural, indo além da arquitetura e inserindo reflexões sobre cultura imaterial, festas e tradições (MAGALHÃES; ZANON; BRANCO, 2009, p. 50).

O turismo promove viagens realizadas também por motivos religiosos, não importando a motivação, os viajantes fazem uso dos mesmos equipamentos, transportes, produtos e serviços para atender às expectativas. O turismo religioso desenvolve-se a partir da compreensão das motivações turísticas, ou seja, da motivação religiosa, razão de deslocamento de pessoas. O turismo religioso é

considerado um segmento de mercado, diferente de outros, tem como motivação principal a fé cristã (RIBEIRO, 2010).

Nesse sentido, discute-se na dissertação turismo religioso. A partir das leituras referenciadas pode-se inferir que o princípio de organização social religiosa no Brasil é baseado na lógica da complementaridade e simultaneidade, ou seja, do sincretismo religioso que combina santos e orixás e a festa que combina pobres e ricos, que segundo Mauss (2007, p. 113) é o “encontro da estrutura carnalizadora com a estrutura do poder”.

Andrade (1998, p. 77) afirma que turismo religioso é um conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos para realização de visitas a receptivos, lugares onde se expressam sentimentos místicos que suscitam fé, esperança e caridade as pessoas vinculadas às religiões.

Nesse panorama o turismo religioso é empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas ou para participação em eventos de caráter religioso. Compreendem romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas, conforme afirma Dias (2003).

A consolidação das fronteiras e das nacionalidades, segundo Fernandes (2007, 2008, p. 59), cria rede de espaços de natureza religiosa, como mosteiros e conventos, santuários, alguns dos quais se transformaram em importantes lugares turísticos. Nesse sentido, as ordens religiosas tiveram papel relevante na preservação de espaços sagrados que são lugares para manifestações de fé e para consumo turístico.

As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de jocosidade incorrigível a uma suave apatia – para não falar do poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais. Não se pode falar de apenas uma espécie de motivação chamada religiosidade, da mesma forma que não existe apenas uma espécie de inclinação que se possa chamar devoção (GEERTZ, 1989, p. 111).

Um dos segmentos de destaque no âmbito da atividade turística é o segmento religioso. O destaque principal do segmento são peregrinações ou deslocamento temporário de pessoas para outros lugares tendendo à satisfação de necessidades não decorrentes de atividades remuneradas. Trata-se de fenômeno espontâneo, as peregrinações ocorrem motivadas pela fé. Segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2015) existem 96 atrações turísticas distribuídos em 344 municípios. Destacam-se Aparecida do Norte, em São Paulo, aproximadamente 10

milhões de visitantes por ano, Nova Trento, em Santa Catarina, com os santuários de Nossa Senhora do Bom Socorro e de Madre Paulina, recebe em torno de 850 mil turistas. Outro centro de romaria é Juazeiro do Norte, no Ceará, que recebe em torno de 500 mil pessoas durante a romaria de finados, no dia 2 de novembro. Na região Norte, Belém, no Pará, tem a Festa do Círio de Nazaré, com manifestações de fé que duram 15 dias, com procissões, novenas, missas, romarias².

O turismo religioso influencia o desenvolvimento socioeconômico dos lugares, é responsável pela melhoria dos ambientes, aumento de postos de trabalho, assim como, valoriza o patrimônio cultural, os de caráter religiosos de forma que se sustentam no tempo e no espaço.

De acordo com Vieira (2001), as características do turismo religioso são a multifuncionalidade dos deslocamentos e a sobreposição das motivações de turistas e peregrinos. Ainda diz Vieira (2001) que no turismo religioso há espaços religiosos e patrimônio cultural-religioso, são os recursos turísticos e esses têm sido potencializados.

A afirmação de Vieira complementa a de Oliveira (2006) que diz que a prática do visitante religioso a lugares é múltipla e diferenciada. Segundo Vieira (2001) no turismo religioso há ligação íntima entre o fenômeno turístico e o fenômeno religioso, ou seja, há valorização de motivações sagradas e profanas.

Já Dias (2003) diz que o turismo religioso afina-se com o turismo cultural, pois se deve ao fato do turista visitar patrimônios culturais. No entanto, o mesmo autor, afirma que os eventos religiosos constituem-se expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam realidades histórico-culturais.

O turismo religioso se destaca na economia, pois, os peregrinos são consumidores de bens e serviços, em fluxos praticamente ininterruptos. Assim, as peregrinações se tornam oportunidades de consumo de bens vinculados à religião com terços, velas, chapéus, imagens e livros de reza.

O caráter comercial não elimina o elemento religioso, uma vez que a participação na peregrinação decorre de atitude de fé, e as atividades paralelas às manifestações religiosas ganham dimensão e atraem mais visitantes. Potenciais formas de diversão e prazer tornam-se atrativos no circuito da fé, além de entreter visitante, prolongar a estada e estimular o consumo.

² Disponível em: <<http://www.gbtours.com.br/confira-os-principais-destinos-religiosos-do-brasil/>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

No Nordeste brasileiro, as peregrinações, bem como os santuários e festividades religiosas e romarias estão presentes e valorizam o turismo religioso. Ressalta-se a importância da ordenação da atividade turística para gerar benefícios para devotos e turistas, mas, sobretudo, garantir o desenvolvimento de lugares, tanto no aspecto econômico, como ambiental e sociocultural, para melhorar a qualidade de vida da comunidade.

De acordo com Coriolano (2003) trata-se de reforçar o potencial local e usá-lo como atrativo para quem quer vivenciar e não apenas contemplar lugares. Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, é exemplo desses lugares sagrados do Nordeste. Este espaço religioso, situado no Vale do Cariri, transforma a maior cidade do interior cearense em espaço de fé. Na cidade, a religiosidade é vivenciada por pessoas que vêm de muitos pontos do Brasil.

A análise de centros de romaria no Ceará, do consumo do turismo religioso leva a identificar comportamentos típicos de turistas religiosos e romeiros para explicar o turismo religioso. No turismo, os lugares visitados são santuários, espaços sagrados. A motivação do peregrino é a esperança de aumentar a santidade pessoal, obter benção e curas especiais. Para o turista religioso, a motivação recai no desejo de escapar, temporariamente das pressões da sociedade em que vive, passear e curtir a vida (ABREU; CORIOLANO, 1998, p. 83).

Outro conceito pertinente à análise do objeto é a oferta turística considerando que a festa de Santo Antonio de Barbalha é um evento vinculado ao turismo religioso, como se trata de uma dissertação de turismo, verifica-se a necessidade de aprofundamento de conceitos vinculados à atividade turística. Em Barbalha a própria festa de Santo Antonio passa a ser atrativo turístico.

De acordo com Balanzá e Nadal (2003) a oferta turística é constituída por todos os bens e serviços necessários ou interessantes para satisfazer as necessidades de turistas. Embora Cunha (2001) considere a oferta turística resultado da definição de procura turística, dela faz parte o conjunto de todas as facilidades, bens e serviços adquiridos ou utilizados pelos visitantes, bem como todos aqueles que foram criados com o fim de satisfazer as necessidades e postos à disposição. Contudo, todas as definições não conseguem separar da oferta turística, bens e serviços de produtos que satisfazem as necessidades dos residentes e dos turistas.

Corroborando Cunha (2006) salienta que a dificuldade de delimitar os contornos da oferta turística, deve-se ao fato de haver multiplicidade de motivações de deslocamentos, bem como de necessidades dos viajantes.

Sabe-se que cultura é construção histórica relacionada a todos os aspectos da vida social. Nenhuma cultura existe em estado puro, idêntica a si própria. Todas as culturas sofrem influências internas e externas e, por isso, “toda a cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. O que varia é a importância de cada fase, segundo situações diferenciadas” (CUCHE, 1999, p. 98).

O antropólogo Geertz (1989) conceitua a cultura, como uma teia, onde a pessoa enquanto ser social está condicionado a significados. De fato, todos os aspectos da vida são afetados por ações culturais em constantes transformações, influenciadas por práticas culturais e também influenciando outras culturas.

A identidade cultural não é dada da natureza, mas construída em contextos de interação entre grupos sociais. A cultura é importante na organização da atividade turística, torna visíveis as singularidades do modo de vida de grupos sociais. Quanto mais lugares³ se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos.

Para Ivanovic (2008) o estudo da cultura pertence essencialmente ao campo das ciências sociais e, por isso, possui significados de acordo com o contexto em que é analisado. Alguns acadêmicos da antropologia, sociologia, história, geografia e filosofia, estudam o fenômeno da cultura e contribuem para a explicação do turismo.

A cultura engloba aspectos materiais e não materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana: tais sentidos, ao invés de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente às estruturas materiais de organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando e transformando. [...] a cultura é uma condição de produção e reprodução da sociedade (MENEZES, 2002, p. 89).

O aspecto cultural está engendrado no processo turístico. As pessoas quando se deslocam levam consigo “bagagem” cultural própria, singular e subjetiva. Nessa mobilidade os contatos culturais são constantes e dos mais diversos, sendo a essência do fenômeno turístico. “Cultura é a dimensão do processo social, da vida

³ O lugar é entendido como o espaço onde o particular, o histórico, o cultural e a identidade permanecem presentes, revelando especificidades, subjetividades e racionalidades (GOMES, 2005).

em sociedade. Não é estanque e estável. É mutável e se vale das mais variadas formas de expressão humana” (TRIGO, 2000, p. 50).

Todas as sociedades urbanas e rurais possuem cultura constituída de signos, símbolos, valores e representações, ou seja, elementos de identidade de um povo, lugar e grupo. Assim, cada sociedade possui cultura, maneira de ser e sobreviver em determinado espaço ou território. Se a cultura representa as diferentes formas de compreensão e ação de sociedades, então “compreende a totalidade das criações humanas, incluindo ideias, valores, manifestações artísticas, todo tipo de crenças, instituições sociais, conhecimentos científicos e técnicos, instrumentos de trabalho, tipos de vestuário, alimentação, construções” (DIAS; AGUIAR, 2002, p. 130).

De acordo com Richards (2001) a cultura constitui um trunfo importante para o desenvolvimento do turismo. Em muitos casos, é considerado fator determinante do crescimento do consumo de lazer e turismo. Urry (1996) ressalta que turismo é cultura. A cultura ajuda a determinar o que o turista quer fazer, como resultado da educação formal ou informal, valores e costumes culturais (MACLEOD; CARRIER, 2010).

Assim, a expressão cultura popular pode ser entendida como uma forma de designar folclore. O folclore e a religião relacionam-se ao conceito de cultura, como concepção do mundo e como forma de conhecimento. Nem toda manifestação cultural pode ser vista como possibilidade de lazer e atrativo turístico. Porém, não existe manifestação ou prática específica de lazer que seja práticas folclóricas ou culturais em si.

O reconhecimento da Festa de Santo Antônio como patrimônio cultural do Brasil, revaloriza as interações culturais apresentadas nos festejos sagrados e profanos, justificam a necessidade de se estudar a Festa do Padroeiro e as correlações com cultura cariense de Barbalha.

A dimensão simbólica da fé se perpetua atualizando práticas contemporâneas, que ganham relevância em cenário místico de junção de práticas diferentes que constituem a essência da manifestação da festividade.

As festividades direcionadas aos santos padroeiros e tantas outras manifestações presentes no calendário oficial das diversas comunidades religiosas absorvem de forma sistemática a organização profissional, ocupa atenções do poder público, e preenchem o imaginário popular. Barbalha tem característica marcante na

área da gestão do evento cultural moderno, religioso, profano e carregado de manifestações culturais.

Existem vários trabalhos acadêmicos publicados sobre a festa de Barbalha que mostram a relevância do tema e base para a dissertação. Entre eles a dissertação de Océlio Teixeira de Souza “A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia” (2000), onde o estudioso aponta como um dos principais elementos da festa o processo de carnavalização promovido pelas classes populares e discute o espaço de afirmação social que os carregadores do Pau da Bandeira dominam o espaço frente à sociedade de Barbalha.

No artigo de Josuel Mariano da Silva Hebenbrock denominado “O Processo Comunicacional na Festa Popular de Santo Antônio, no Sertão do Ceará” (2010) o autor trabalha os conceitos de festa popular e folkcomunicação⁴ sob a ótica contemporânea, entrecruzando conhecimentos de estudiosos do tema com a comunidade dos carregadores do Pau da Bandeira.

Outro artigo que traz discussão de interesse é o dos autores Cícera Tayane Soares da Silva e José Felipe de Lima Alves, “O pau de Santo Antônio: tradição e modernidade acolhidas sobre o rito do forró eletrônico” (2014). O texto explica as mudanças culturais ocorrentes na festa de Santo Antônio, tomando como corpus as festas de forró eletrônico. No evento, as ideias de tradição e modernidade fazem-se presentes recorrentemente. Dessa forma, se estabelece diálogos a partir das ideias de tradição e modernidade que não se tencionam com as dimensões performáticas tradicionais que a festa disponibiliza, reinventando novas formas de se falar da festa do Pau de Santo Antônio.

O texto Sentidos de Devoção: festa e carregamento em Barbalha (2013), organizado por Igor de Menezes Soares e Ítala Byanca Morais da Silva, editado pelo IPHAN apresenta reflexões sobre a Festa de Santo Antônio nos campos disciplinares da História, Geografia, Antropologia, Pedagogia, Cinema e Turismo, evidenciando a natureza interdisciplinar da festa do Santo Padroeiro.

O que relaciona manifestação e prática ao lazer, de acordo com Marcellino (1996), são formas de engajamentos / participações / envolvimento

⁴ Teoria concebida por Luiz Beltrão, na década de 1960. O autor conceitua Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 1967 *apud* BENJAMIN, 2008, p. 282).

sociais de cada sujeito ou grupo social. A participação de turistas em festas e rituais religiosos, embora empreste maior brilhantismo, tem causado alguns problemas. Certos turistas costumam participar de festas e rituais religiosos populares sem conhecimento ou sem preocupação com as normas que os regem e, não raramente, criam certos embaraços.

Daí a necessidade de discussão do problema entre produtores culturais, folcloristas, técnicos, antropólogos e outros interessados em cultura popular e turismo religioso.

2.2 FESTA SAGRADA E PROFANA

As festas e comemorações populares fazem parte da vida das pessoas. É por meio de manifestações culturais que “a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica” (BELTRÃO *apud* TRIGUEIRO, 2007, p. 107). Verifica-se interesse turístico pelas manifestações folclóricas e isso incentiva a manutenção das apresentações.

Segundo Trigueiro (2007), é por meio das observações e das interpretações das manifestações que se torna possível descobrir códigos, regras e estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da cultura cearense. Conseqüentemente, o desenvolvimento da identidade. Nesse sentido, as manifestações populares como festas profanas e comemorações diversas são observadas não só o fazer artístico, mas também as relações sociais que perpassam realização de manifestações e traduz a linguagem, a expressão do pensar, do fazer e do sentir característico de um povo.

As festas oficiais (da Igreja e do Estado) não criavam essa segunda vida, pelo contrário apenas fortificavam o regime em vigor. As festas oficiais tendiam a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regia o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais vigentes. Opondo-se a esta condição, o carnaval, a festa da rua, da praça pública era a liberação temporária da verdade dominante, a quebra, mesmo que provisória, das relações de hierarquia e privilégios, é a festa da renovação que se opunha a toda regulamentação (BAKHTIN, 1987, p. 8-9).

Em Barbalha, a Festa de Santo Antônio é realizada em parceria entre o poder municipal e o poder paroquial. O setor privado tem contribuído para o evento

com o município através da secretária Municipal de cultura e Turismo e a empresa/pessoa física J C Barreto e Cia. LTDA, que concederam o valor de R\$ 166.860,00 (cento e sessenta e seis mil oitocentos e sessenta reais) para produção, realização e divulgação do evento. Acrescenta-se o investimento de R\$ 1,3 milhões que o Ministério do Turismo concedeu. Esse orçamento foi para a parte de shows de artistas famosos na mídia atual. A festa de Santo Antônio na edição 2018 recebeu cerca de 350 mil visitantes de todo Nordeste e Brasil, além dos filhos da terra que residem em outras cidades (RODRIGUES, 2018).

Assim as festas são motivos para reunir amigos, devotos e familiares e, juntos celebrar datas coletivas, como as que evocam os santos populares. Oportunidade para se compreender as mudanças culturais ocorridas nas festas e comemorações a Santo Antonio, ocorrendo novas formas de relacionamentos.

Nos festejos populares, as práticas do passado chegam ao presente revelando características culturais que identificam o lugar por meio de aparato de bens simbólicos. Sobre esse assunto, Trigueiro (2007, p. 107) afirma:

São práticas do passado que chegam ao presente, com as diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades.

As festas populares são atrativos para o setor turístico a exemplo do carnaval, festas religiosas afro-brasileiras, festa de Iemanjá na Bahia e inúmeras outras festas da hibridização (CANCLINI, 2003) da cultura popular brasileira. Opiniões nesse sentido afirmam que:

Estudos feitos nas últimas décadas sobre culturas, mídias, globalização, atestam que “as manifestações populares (festas, danças, culinária, arte, artesanato, etc.) já não pertencem apenas aos seus protagonistas” Os acontecimentos e os objetos produzidos pelo povo, antes restrito ao seu meio, receberam o interesse de outras organizações sociais, dentre elas o turismo, transformando-se em produtos comercializáveis no campo do entretenimento (SICRIST, 2007, p. 85).

Sendo assim, questões levantadas sobre patrimônio cultural fazem refletir o processo de releitura de patrimônio e não se esgota no nível conceitual. Implicam conhecimento de novos atores sociais em busca de instrumentos de preservação e de promoção.

As festas, assim como as tradições religiosas, apresentam-se em elementos: mito, rito, símbolo, música, dança, luxo e beleza. O mito é a primeira tentativa de se entender o cosmos e a vida. Antes do desenvolvimento de uma

ciência natural que ajudasse a compreender a complexidade dos fenômenos, se criam os mitos, forma de explicação do mundo e da vida (ALVES; JUNQUEIRA, 2009, p. 435).

Os símbolos são chaves que abrem portas para o incognoscível, o símbolo pode ser chamado de sinal por apontar para algo, ajuda a entender o incompreensível, a perceber o impercebível, mesmo quando está evidente, por isso em um espetáculo, seja teatro, cinema, estádio, liturgia e desfile de escola de samba, se não se domina a linguagem simbólica presente, se acha tudo lindo, mas não se é tocado, porque não se compreende a essência (CAMPBELL, 2004). Pode-se afirmar que na procissão do cortejo de Santo Antonio algumas pessoas passam por essa situação.

As festas populares são manifestações da cultura dos residentes. Parte daqueles que ali buscam mais lazer, gastronomia, diversão que a religiosidade.

A festa remete ao encontro proporcionado pelo sagrado, sacraliza o lado profano da existência e, ao mesmo tempo, retira do sagrado a sensação do motivo abstrato (OLIVEIRA, 2004). Eliade (1992, p. 20) afirma que sagrado e profano são “duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”.

Como caracterizar o sagrado e o profano? Eles são excludentes ou se correlacionam na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio?

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo; o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência, “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfas (ELIADE, 1992, p. 25).

Em relação à experiência profana, esta se apresenta de forma homogênea. Não há rupturas, o mundo é visto de forma igual, não há diferenças. O espaço geométrico por mais recortado que esteja não apresenta nenhuma diferença qualitativa para a visão profana. Segundo Eliade (1992), o homem profano recusa a sacralidade do mundo, assumindo assim apenas uma existência profana, livre de toda experiência religiosa.

Esse espaço para o homem profano é um lugar de eterna descoberta, está em constante transformação e cada mudança que ocorre revela para o indivíduo novas dimensões de seu próprio universo. Esse espaço é defendido por Elizabeth Costa (1989), como o “espaço-bolha” que desempenha um papel

específico ligando ou dando continuidade a atuações que podem ser encontradas ou não em sua rotina.

Gera inversões, carnavalizando sistemas fechados e levando para as ruas anseios e necessidades das classes populares, normalmente ocultas; ele abre espaço para as trocas e para as relações de improviso e cria oportunidades sem pré-requisitos; por fim, ele rompe com as dualidades entre moradia e trabalho, festa e cotidiano, centro e periferia (COSTA, 1989).

As ideias de sagrado e profano se complementam de forma dinâmica e instável na realização de festas populares. Carregam dupla face à medida que escondem e revelam simultaneamente várias convenções e justificativas. Em termos didáticos, a face profana mobiliza recursos e negocia estratégias antes durante e depois da realização da própria festa (CABRAL, 1999).

Nessa perspectiva a festa corresponde a um tempo-espaço especial. É a maneira do fazer coletivo, exige esforço, mas dá prazer. Geralmente a participação na festa demonstra a força da comunidade. As festas tornam-se eventos e passam a exigir requisitos técnicos, profissionais e administrativos. As festas populares, tradicionais e religiosas são também eventos turísticos. Moreno (2008) explica que

Por mais difícil que seja para o homem contemporâneo das civilizações urbanas e industrializadas entender racionalmente essas manifestações, é possível compreender que não se trata da veneração da pedra ou da árvore e sim que ao manifestar o sagrado, esse objeto torna-se outra coisa e continua a ser ele mesmo, porque é parte integrante do meio cósmico em que ele vive. Este pensamento é naturalmente assimilado pelos grupos sociais primitivos e tendem a ver o mais possível nessa realidade do sagrado (p. 3-4).

O sagrado equivale à crença de fé na presença de Deus e dos santos. O sagrado/profano torna-se totalidade. A pessoa religiosa deseja ardentemente participar da realidade no espaço sagrado. Na concepção de Moreno (2008)

Para o homem religioso o espaço não é homogêneo e dessa forma se há espaços considerados sagrados (fortes), há outros espaços não sagrados e, portanto sem consistência. O espaço sagrado então passa a ser o ponto fixo por onde tudo deve começar [...]. Nessa instância, para a experiência profana, o espaço é homogêneo e neutro, não é qualitativo (p. 4).

De acordo com Eliade (1992 *apud* MORENO, 2008, p. 4):

a existência profana não se encontra em estado puro, pois a pessoa não consegue abolir completamente o comportamento religioso, mesmo que tenha optado por uma vida profana. Assim ao se analisar sociedades modernas e urbanas, industrializadas, encontra-se manifestações consideradas profanas, que carregam implicitamente simbolismos mágicos ou religiosos que revelam realidades, diferente daquela que se experimenta

no cotidiano. Como por exemplo, certos espaços privilegiados: paisagem de cidades visitadas pela primeira vez, o solo da terra natal, lugares dos primeiros amores, e que por serem únicos, revelam outra realidade.

O sagrado e o profano como realidades opostas tornam-se perceptíveis e visíveis nos espaços, urbanos ou rurais. Templos são espaços sagrados, uma vez que são espaços de oração. “A porta passa a ser o limiar que separa os dois espaços e indica a distancia entre os dois modos de ser, profano e sagrado” (*op. cit.*, 2008, p. 4).

As festas religiosas constituem componente importante das religiões populares, em que o sincretismo se encontra intimamente relacionado. A expressão popular é usada pelo menos em dois sentidos. A cultura popular se exterioriza em grande parte por meio de festas religiosas. As festas religiosas populares são ocasião para o pagamento de promessas e momentos de lazer em que se desenvolvem laços de solidariedade nos meios populares (FERRETI, 2007).

Mikhail Bakhtin, teórico russo da literatura contemporânea, na obra sobre *Cultura Popular na Idade Média*, afirma (1987) que:

As festividades (seja o tipo que for) são formas primordiais, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem as explicar como produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre conteúdo essencial, sentido profundo, exprime sempre concepção do mundo. E adiante: as festividades têm sempre relação marcada com o tempo (p. 7-8).

Cada evento comemorativo da semana ou dia do santo padroeiro é acontecimento encadeado na memória coletiva da comunidade. Dentro de espaços hegemonicamente constituídos pela devoção oficial católica, isso não representa novidade. A novidade sim transparece na permanência dos rituais diante de todas as mudanças geográficas e ambientais que a modernização da vida urbana traz.

2.3 PASSOS DA PESQUISA

A dissertação tem também o propósito de analisar a festa sagrada e profana, além das manifestações folclóricas da festa de Santo Antônio, na cidade de Barbalha/CE. Para isso realiza-se pesquisa de campo sobre a festa que se destaca como uma das manifestações mais significativas para a população do município. As manifestações ocorrem em forma de reisado, celebrações religiosas, festas

profanas, danças, entre outras formas. As técnicas e os instrumentos de coletas de dados utilizados são pesquisa institucional e de campo.

Segundo Ferreira (2005, p. 58), a produção científica em cultura e comunicação popular integra significativas formas de comunicações, tornando-se fundamental para a compreensão do objeto.

A cultura popular é considerada uma cultura de resistência e se contrapõe a cultura oficial dos dominantes, considerando-a um elemento que define identidade cultural e social de um povo. A cultura popular está ligada ao povo, comunidade, grupos, região, cidade, bairro e sociedade de forma geral.

A pesquisa de campo em Barbalha, realizada no período de 17/11 a 13/06/2018 foi composta de entrevistas e conversas que ocorriam nas casas dos moradores onde naturalmente a pesquisadora se inseria no cotidiano do receptor acompanhando o preparo das comidas, a ornamentação da cidade, o corte do pau até o cortejo no dia principal da festa. Foram entrevistados também os organizadores da festa.

Além de registro de conversas na rua, em meio a jornadas de trabalho, em meio ao expediente dos funcionários da prefeitura, durante visita a lojas, pousadas, trechos de deslocamentos, entre outras experiências.

Entrevistar pessoas que de alguma maneira participam da festa, e que sendo assim agregam valor e significado àquele fenômeno, mas que muitas vezes passam despercebidos.

Resultando deste empreendimento, a festa é vista por um prisma múltiplo de olhares. Nesse processo entrevistou-se: homens, mulheres, idosos, religiosos, representantes da administração pública, carregadores do pau da bandeira, visitantes, e artistas locais. Buscando ampliar ao máximo o lastro de opiniões.

Participou-se das reuniões realizada pela Sociedade dos Carregadores do Pau, e realizou-se conversas com pessoas nas portas das casas, no meio da rua, com barraqueiros quando comprava algo. Considera-se relevante a forma de participação e o comportamento dos participantes da festa. Outro fator metodológico fundamental diz respeito às entrevistas, que foram realizadas propositadamente alguns dias antes da festa ou durante o acontecimento, por se acreditar que o tempo de festa exerce, de alguma maneira, influência quanto à participação e de apresentar as falas.

A coleta de dados ocorreu, conforme o que orienta Mattar (2005), de forma primária. Foi realizada pela própria pesquisadora; e de forma secundária, pela coleta de dados institucionais. Os dados foram tabulados e ordenados e analisados. As coletas primárias ocorreram através do uso da técnica de entrevistas. Já para a coleta de dados secundários, utilizou-se a pesquisa documental e institucional disponíveis em bancos de dados de instituições públicas.

A abordagem do estudo é qualitativa. Conforme Minayo (2001), o qualitativo, ao trabalhar com os significados, motivações, atitudes, num universo que não pode ser operacionalizado por números matemáticos.

A escrita da dissertação teve o propósito de analisar a festa de Santo Antônio e a inter-relação com o turismo religioso, na cidade de Barbalha/CE, por meio de uma pesquisa de campo realizada entre os carroceiros do Alto da Alegria e participantes aleatórios, pois a festa da localidade se destaca como uma das manifestações mais significativas para a população do Cariri. Essas manifestações prevalecem em formas múltiplas pela diversidade das manifestações culturais de reisado, celebrações religiosas, festa profana, apresentações de danças, dentre outras.

Desse modo, a adoção do manejo das ações e procedimentos de investigações de dados para o entendimento e esclarecimento das etapas do estudo considerando as exigências éticas científicas e da proteção, devendo ser tratados com responsabilidade, dignidade, respeito, proteção, liberdade e autonomia ao sujeito, foram adotadas todas as exigências éticas que envolvem a pesquisa com seres humanos, garantindo o caráter sigiloso e confidencial das respostas para o desenvolvimento da pesquisa (BRASIL, 2012, 2016).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi elaborado um roteiro para uma entrevista com perguntas abertas, mas centradas nas questões problematizadoras do trabalho que teve como fio condutor as categorias indicadas na fundamentação teórica. A consulta de documentos trouxe poucos dados sobre a formação histórica do local e de manifestações culturais, foi observado que o grande patrimônio do registro barbalhense está na memória oral dos habitantes.

O outro aspecto da pesquisa teve como base a epistemologia, que segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 75), “representa a teoria da ciência”. Nesse contexto, parte-se para o entendimento dos conceitos para explicação da realidade.

A festa de Santo Antônio evento tradicional no calendário da cidade (já que a festa é em homenagem ao santo padroeiro) é um evento religioso oficial da

igreja católica. A festa simboliza a vivência religiosa e mostra expressões de fé e crenças. Chama atenção à ênfase dada à árvore e a forma tradicional de extração em meio a cantigas, cortejos, blocos de grupos da cultura popular que se unem estimulados pela cachaça, bebida tradicional que retrata os áureos tempos dos verdes canaviais da cidade de Barbalha. Santos (2015, p. 57) afirma que “a cachaça se popularizou e é hoje um dos principais atrativos da festa. Saiu da cabaça e passou a ser carregada em cima de uma carroça dentro de um barril, e além de atração local”.

A tradição e euforia dos participantes remontam séculos de colonização, mas o ponto folclórico da festa mais disputado é conduzido por uma carroça tracionada por um animal. *A priori* foram selecionados os carroceiros que levam a cachaça no cortejo festivo, mas que usam esse transporte como trabalho, lazer em uma área rural cada vez mais invadida por casa e loteamentos, compreender como essas pessoas vivem a experiência sagrada e profana da festividade do pau da bandeira em Barbalha.

As carroças ainda são utilizadas como forma de transportar objetos, realizar serviços em cidades do interior do Ceará. No Cariri é ainda comum encontrar esse tipo de transporte que utiliza a tração animal que foi proibida no Brasil desde a lei 4.645 de 1934 e ainda hoje acontece com regularidade e de forma indiscriminada por falta do cumprimento do que está previsto em Lei.

Em Barbalha, foram escolhidos carroceiros que levam a cachaça no cortejo festivo que tem residência no bairro Alto da Alegria. A pesquisa de campo foi realizada no período de 17/11/2017 a 13/06/2018 e composta pelo acompanhamento da rotina dessa população “carroceiros” nos preparativos e durante a festa, os diálogos e as experiências ocorriam no que para eles era a rotina.

O dia a dia festivo de pessoas que em um período determinado ganha um novo propósito que as identifica, no enfeite dos seus patrimônios (casa, carroças, animais) e vão para as ruas tomados de um orgulho sem igual, contar a história de uma cidade, de um santo, dos grupos culturais em meio a cores vibrantes, fitas, cantigas, danças, aromas e credices que consolidam esse evento como patrimônio imaterial da cultura popular do Cariri cearense.

O convívio deu-se de forma intensa movida pela curiosidade de retratar a riqueza da Festa do Pau da Bandeira pela vida e relações estabelecidas com os Carroceiros que levam a cachaça no cortejo festivo do bairro Alto da Alegria em

Barbalha. Observou-se desde as orações ao santo, ao chapéu de palha algumas vezes substituído pelo boné, a costura das vestes de alguns animais, aos enfeites de chita para ornamentação da carroça, a vida e devoção para agradar o Santo protetor.

Em relação à técnica da entrevista, em a “Memória Coletiva”, Maurice Halbwachs (1990) aponta o conceito de depoimento, sempre em relação ao grupo o qual o sujeito faz parte porque supõe um evento anteriormente vivido em comum. Afirma que a memória individual existe enraizada dentro de quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos no qual só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Como proposta metodológica conversa-se com os carroceiros residentes no bairro Alto da Alegria que têm relação direta na festa, pois na compreensão da experiência vivida encontram-se a riqueza real da construção ressignificada, gerando um algo novo dentro do fenômeno imaterial que se amplia na contribuição anônima dos que dele participam. A população participante da pesquisa de campo foi delimitada: carroceiros que transportam a cachaça no cortejo desde a caminhada para extração do Pau até o hasteamento da bandeira dando início a abertura oficial da festa de Santo Antônio em Barbalha e alguns participantes da Festa.

Durante a pesquisa em campo evidencia-se a “voz” do “outro” o sujeito participante da pesquisa de maneira a transcrever de forma fidedigna os aspectos apontados nas narrativas, delineando entre ambos um norte comum, procurando superar a assimetria que costuma ter nas relações entre pesquisador e pesquisado. O eixo de análise aqui desenvolvido relaciona-se à inserção da oralidade no universo religioso sendo a transposição dessa discussão para o catolicismo popular justificada pela ênfase que lhe é historicamente conferida.

A evidência oral transforma objetos de estudo em sujeitos, contribuindo para uma caracterização mais verdadeira de experiências e visão de mundo. A utilização de fontes orais privilegiadas neste trabalho justifica-se também pela opção de estudar grupos inseridos em sociedades letradas, para as quais a escrita não se caracteriza como a principal fonte de transmissão de conhecimento e formas de socialização.

As vozes das narrativas transcritas na pesquisa foram acessadas por meio da observação participante no cotidiano do grupo junto aos preparativos que antecediam a festividade, as ações e papéis desenvolvidos durante o desenrolar do cortejo e a sensação entrelaçada de forma posterior pelo participante do fenômeno investigado.

Diante das argumentações, contradição, religiosidade entrelaçadas na festa, como as genuínas expressões culturais, o rito do pau da bandeira na festa de Santo Antônio, gera enquanto propósito, a vontade de conhecer aspectos relacionados ao fenômeno cultural em questão, a fim de estabelecer novas compreensões e discussões.

A abordagem do estudo de campo foi qualitativa conforme Minayo (2012), ela trabalha com os significados, motivações, atitudes, num universo que não pode ser operacionalizado por números matemáticos. A pesquisa é de cunho qualitativo, onde foi utilizado o método da observação participante, das rodas de conversa e entrevistas para a coleta de dados. A análise de dados levou a interpretá-los por meio da entrevista com cinco questões abertas. Após a conversa e realizada a entrevista, a segunda etapa consistiu na análise qualitativa, utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2011).

A técnica da análise de conteúdo mencionada considera processo que abrange técnicas voltadas para a investigação por meio da dedução, classificação, organização e sintetização de modo objetivo, sistemático e qualitativo, favorecendo a apreciação dos conteúdos expressos pelas percepções, ações, motivações, interesses, valores e atitudes, sabendo que cada ser humano possui subjetividade. Esta prática possibilitou a interpretação e atribuições em relação aos resultados obtidas pelo estudo, para posteriormente desenvolver a apresentação de categorias definidas, correlacionando com o referencial teórico norteadores em relação à temática abordada na pesquisa em visão mais ampla.

Nas entrevistas, os depoimentos passaram o entendimento do significado de ser condutor da carroça da cachaça como uma forma de reconhecimento da tradição histórica, da crença e da cultura, que foi transcrito tal qual relatado pelos entrevistados.

Antes do início da coleta dos dados, os sujeitos do estudo foram informados sobre os procedimentos a serem realizados, bem como sobre os objetivos da pesquisa, e seu consentimento foi solicitado por escrito por meio do

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelo pesquisador, que foi entregue em duas vias, sendo que uma delas ficou de posse do participante e a outra com o pesquisador, assinado pelo participante, em acordo com as normas éticas e regulamentares. A pesquisa desenvolvida respeita os aspectos éticos previstos na resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016 (BRASIL, 2016).

3 O TURISMO RELIGIOSO NO CONTEXTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

Turismo é um fenômeno socioeconômico relativamente novo, posto ser atividade moderna. Organiza-se em segmentos sendo um deles o turismo religioso, em que a atividade utiliza equipamentos para a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos, que suscitam fé, esperança e caridade às pessoas vinculadas às religiões. Portanto, viagem motivada pela fé.

O turismo é considerado basicamente como produto da cultura, no sentido amplo do termo. As explicações econômicas não dão conta da transcendência do turismo, são insuficientes, ainda que significativas, porque não contemplam e consideram a diversidade de dimensões do fenômeno (MOLINA; RODRIGUEZ, 2001, p. 9).

Amirou (2007) no livro “Imaginário Turístico e Sociabilidades de Viagem: estratégias criativas” propõe visão nova para abordar o estudo do turismo e do lazer distinguindo dimensões que marcam a vida do turista: a relação consigo (procura de sentido), com o espaço e com os outros. Mostra que:

[...] turismo é uma manifestação essencial da cultura de massas. A escolha certamente individual, mas seguramente condicionada, que a pessoa faz de um dado local turístico [...] não se compreende nem explica fora do contexto cultural (AMIROU, 2007, p. 19).

O turismo está diretamente relacionado ao capitalismo. A partir de 1960 emerge como atividade de lazer, para milhões de pessoas e como fonte de lucros e investimentos com lugar garantido no mundo financeiro internacional. Conforme Moesch (2004), o primeiro registro da palavra turismo surge em 1800, na Inglaterra, referindo-se à teoria e prática de viajar, deslocar-se por lazer.

Molina e Rodriguez (2001) criticam as definições de turismo que enfatizam o aspecto econômico, pelo fato de subestimarem os aspectos culturais, ambientais, sociais, ideológicos, e psicológicos do fenômeno. E discorrem sobre conceituações de ordem cultural mais abrangente. O interesse turístico pelas produções culturais populares tradicionais, apesar do incentivo do Estado, às vezes, têm atuado negativamente em relação à cultura. Muitos produtos turísticos são mal elaborados, mal acabados e às vezes foram descaracterizados para se adaptarem à programação turística e padrões estéticos.

O turismo combina de modo complexo, inter-relacionamentos entre produção industrial e serviços. Enquadra-se no setor terciário ou de serviços. A atividade turística envolve movimento constante de pessoas, que se deslocam do local de origem a um destino turístico. O deslocamento e a permanência de pessoas longe do lugar de moradia provocam profundas alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais que apresentam impactos positivos e negativos. O turismo é uma atividade de consumo do espaço.

O turismo é eminentemente atividade econômica que envolve aspectos político culturais. Essa atividade, em comparação com outras, necessita de menores investimentos, por aproveitar os recursos naturais e culturais existentes nos próprios lugares que incentivam investimento turístico (CORIOLANO, 2003).

O turismo mobiliza viagens de peregrinação e quaisquer outras viagens motivadas pela busca ao sagrado e as transformou em segmento de mercado. Desse modo, Abumanssur (2003) ressalta que o turismo religioso é uma atividade complexa que compreende tanto a produção como o consumo, tanto as atividades secundárias e terciárias que agem articuladamente, como uma prática voltada para o lazer. Assim, restaurantes, lanchonetes, barracas, camelôs, parque de diversões, hotéis, pousadas, lojas de artesanato, transporte servem aos turistas. O turismo se organiza em segmentos tendo destaque no estudo o turismo religioso.

3.1 FESTAS POPULARES E RELIGIOSAS

Grande parte das festas no Brasil tem caráter religioso, embora alguns aspectos secularizados criem conflitos com a igreja. Na Festa de Santo Antônio de Barbalha, a participação popular se relaciona a fé católica ao aspecto da diversão e brincadeira que pelo aspecto religioso.

O livro sobre festas no Brasil colonial, de Mary Del Priore, denominado Festas e Utopias no Brasil Colonial (2002), fala do tempo da festa, tempo que tem sido celebrado ao longo da história como tempo de utopias. Expressão teatral da organização social porque a festa é também fato político, social e simbólico. Ao tratar a história da festa no período colonial à luz da abordagem das mentalidades, a autora mostra o significado de festa para a sociedade, e ajuda entender os festejos.

No período colonial, a Igreja Católica dominava politicamente. Desde que se cumprissem as obrigações oficiais do culto (AZZI, 1978), uma das formas de

controle público da fé, havia tolerância quanto às manifestações religiosas populares. As festas e procissões de santos configuravam forma inserção em um dado grupo social. Essas manifestações externas ao templo eram divertimento, pois a população tinha apreço pelo aspecto externo do culto na sociedade colonial.

O calendário no Brasil das festas religiosas, no período colonial, molda a vida e os interesses das pessoas na aliança entre igreja e Estado. As festas coloniais mostram as mediações entre os homens e a natureza, entre os homens e os deuses. Diz Trigueiro (2007), que é por meio das observações e das interpretações das manifestações populares que se torna possível descobrir os códigos, as regras e os estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da cultura. Consequentemente, o conhecimento da identidade da sociedade. Nas manifestações populares como festas religiosas e profanas e comemorações diversas é revelado não apenas o fazer artístico, mas as relações sociais que perpassam as manifestações culturais e que traduzem a linguagem, a expressão do pensar, do fazer e do sentir típico de um povo.

Observa-se que as festas populares podem chegar a excessos, fazendo perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito (FERRETI, 1995). De acordo com Oliveira (2007, p. 23):

As festas populares de forma geral aparentam prazer e desordem; mas contém uma natureza ritual. Isto é, são demonstrações de fé coletiva. Tanto as procissões do catolicismo popular como a coroação das rainhas do maracatu, passando por reisados, caboclinhos, cirandas e diversas formas de festas juninas, enfim, todas comprovam que o ato de festejar é um ato de fé.

Muitas vezes a festa popular se transmuda e é minimizada a um exótico evento consumível, o que limita a festa popular à simples demonstração de alegria e prazer. Essa visão empobrece a festa tornando-a evento espetáculo descartável, que expulsa a popularidade.

O evento comemorativo do dia do santo padroeiro é um acontecimento encadeado na memória coletiva do lugar. Em um país constituído na hegemonia da devoção católica as festas de padroeiros são sistemáticas. A novidade transparece na permanência de rituais diante de todas as mudanças que a modernização da vida urbana oferece.

3.2 PEREGRINAÇÕES A SANTUÁRIOS

As peregrinações mais conhecidas em nível mundial e que têm relevância para o turismo religioso são as que ocorrem em Jerusalém (Israel), Fátima e Assis (Portugal), Vaticano (Itália), Lourdes (França). Nestes lugares santificados, de recordação histórica, ocorrem manifestações do caráter de milagres, segundo a fé do peregrino. No Brasil, as principais festas religiosas são: Círio de Nazaré (Pará), Padre Cícero (Ceará), Iemanjá (Bahia), Festa do Bonfim (Rio de Janeiro), Nossa Senhora de Aparecida (São Paulo), Santo Antonio (Barbalha). A Figura 1 apresenta o Santuário Nacional de Aparecida (SP), que recebeu no dia 12 de outubro de 2018, dia que a santa é celebrada, mais de 200 mil pessoas⁵.

Figura 1 – Santuário Nacional de Aparecida



Fonte: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2018/11/17/basilica-de-aparecida-deve-receber-350-mil-romeiros-no-feriado.ghtml>>.

No Nordeste brasileiro, as peregrinações, bem como os santuários, as festividades religiosas e romarias também estão presentes se associam ao Turismo Religioso. Ressalta-se a importância dos programas prioritários para a ordenação da atividade turística, gerando benefícios para devotos e turistas e garantindo o desenvolvimento local, tanto no aspecto econômico, como ambiental e sociocultural, melhorando a qualidade de vida dos núcleos receptores.

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2018/10/13/basilica-tem-movimento-intenso-de-romeiros-em-aparecida.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Segundo Montejano (1999, p. 77), a peregrinação é uma viagem a um espaço sagrado que pressupõe “dimensões espirituais inter-relacionadas com as raízes comuns da consciência coletiva da maior parte das sociedades”.

Para Abumanssur (2003, p. 58), “a peregrinação não torna turismo religioso apenas, pela ação ou tratamento dado pelos agentes e gestores do turismo ou da administração pública”. O próprio peregrino moderno comporta-se como turista à medida que a religião se torna objeto de consumo.

O turismo religioso é um segmento do turismo onde ocorrem as peregrinações. O peregrino e o turista religioso apresentam comportamento análogo em relação à viagem como a permanência no espaço de destino. A singularidade da peregrinação é que pode ser grupal ou individual. Para Barbalha não ocorrem romarias como as que chegam a Juazeiro do Norte.

De acordo com Coriolano (2003) o turismo reforça o potencial local e usá-lo como atrativo requer vivenciar e não apenas contemplar os lugares. Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, é exemplo de lugar de romarias coletivas no Nordeste. Este oásis religioso, situado no Vale do Cariri, é a maior cidade do interior cearense. A Figura 2 apresenta a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, padroeira de Juazeiro do Norte.

Figura 2 – Igreja Matriz de Juazeiro do Norte



Fonte: <<http://diocesedecrato.org/paroquia-basilica-menor-santuario-n-sra-das-dores/>>.

A análise dos centros de romaria no Ceará e do consumo do turismo religioso leva a identificar os comportamentos típicos dos turistas religiosos e dos romeiros para melhor explicá-los. No turismo religioso os lugares visitados são

comparados a verdadeiros santuários. A motivação para o peregrino recai na esperança de aumentar a santidade pessoal, obter benção e curas especiais. Para o turista, de modo geral, a motivação recai no desejo de escapar, temporariamente das pressões da sociedade em que vive passear e curtir a vida (ABREU; CORIOLANO, 1998, p. 83).

Baseado nas ideias de Victor e Edith Turner e Nobert Elias, Steil (2003) analisa os turistas e romeiros, em etnografia na festa de Bom Jesus da Lapa/BA. Ao definir os turistas que se mobilizam para a cidade muito mais como

[...] nova categoria de romeiros, que se dirigem ao santuário por motivações que devem ser remetidas mais a uma estrutura de significados próprios ao universo laico das viagens do século XIX do que ao universo místico das peregrinações (STEIL, 2003, p. 255).

O autor dá definição baseada em estruturas de significados e diferencia romeiros de turistas. A primeira categoria vincula-se ao sentido idealizado do modelo emocional de comunidades: romeiros e devotos; a segunda – o turista – é marcada pelo olhar distanciado e de estranhamento seguindo o modelo de sociedades (STEIL, 2003).

O turismo religioso é também forma de manifestações culturais que representa a identidade cultural do povo, de uma determinada região ou lugar. Dentre as manifestações culturais destacam-se as manifestações religiosas. Um dos segmentos do turismo, comumente se utiliza da cultura-produto para desenvolver atividades turísticas de cunho não só econômico, como social, além de trabalhar para o fortalecimento da identidade de regiões e manutenção de manifestações, afirma Tomazzoni (2008).

O turismo realiza-se em viagens por diversos motivos, entre eles o religioso. Os viajantes fazem uso dos mesmos equipamentos, transportes e consomem produtos e serviços para atender suas necessidades. O turismo religioso desenvolve-se a partir da compreensão das motivações turísticas, de cunho religioso, sendo a razão da deslocação dos turistas. É um segmento de mercado turístico diferente de outros segmentos, tendo como motivação principal a fé.

A consolidação das fronteiras e nacionalidades cria rede de espaços de natureza religiosa, como os mosteiros, conventos, alguns dos quais se transformaram em importantes lugares turísticos. Nesse sentido, as ordens

religiosas têm papel relevante na preservação desses espaços sagrados que são lugares sagrados de manifestações de fé e também para o consumo turístico.

Daí ser um dos segmentos que tem conseguido destaque no âmbito da atividade turística, o religioso. O destaque principal nesse setor são as peregrinações, caracterizado pelo deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades não decorrentes de atividades remuneradas. Por se tratar de um fenômeno espontâneo, as peregrinações também são movidas pela crença religiosa.

O turismo religioso influencia o desenvolvimento econômico e ambiental de cidades religiosas. Ajuda na melhoria da qualidade de vida da população local, pelo aumento de postos de trabalho, assim como a valorização do patrimônio cultural, principalmente, de caráter religioso de forma a estes se sustentarem no tempo e no espaço.

O turismo religioso é realizado por pessoas que se deslocam por motivações religiosas ou para participação em eventos de caráter religioso. Compreendem romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas, conforme citado por Dias (2003). Já as festas populares são manifestações da cultura dos povos, onde muitas pessoas frequentam estes eventos com finalidade de lazer, gastronomia e a religiosidade que está presente nos momentos mais importantes, integrando as comunidades e proporcionando lazer e entretenimento para todos os tipos de público.

Explica Dias (2003, p. 17) que o turismo religioso apresenta características que se assemelham ao turismo cultural. Pois, se deve ao fato de o indivíduo fazer a visita em torno daquilo que é considerado patrimônio sagrado, mas também cultural:

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressão cultural de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região. Mas também se deve ter em conta que as motivações não são exclusivamente culturais, já que, para falar de turismo religioso, devem estar presentes também as motivações religiosas.

O turismo religioso se destaca na economia, pois, os peregrinos são consumidores de bens e serviços no movimento de fluxo praticamente ininterrupto.

Assim, as peregrinações se tornam dupla fonte geradora de renda, enquanto fornecedora de consumidores em potencial e como atrativo turístico.

O caráter comercial não elimina o elemento religioso, uma vez que a participação na peregrinação decorre de uma atitude de fé e as atividades paralelas às manifestações religiosas ganham nova dimensão, como forma de atrair mais turistas. Potenciais fontes de diversão e prazer tornam-se atrativos a mais no circuito da fé, para entreter o visitante, prolongar estadia e estimular o consumo.

As pessoas quando se deslocam levam bagagem cultural própria, singular e subjetiva. As mobilidades de contatos culturais são constantes e diversas, sendo a essência do fenômeno turístico, pois “Cultura é a dimensão do processo social, da vida em sociedade. Não é estanque ou estável. É mutável e se vale das mais variadas formas de expressão humana” (TRIGO, 2000, p. 50).

Todas as sociedades urbanas ou rurais possuem cultura, constituída de valores e representações da comunidade, ou seja, o elemento identidade de um povo, de um lugar, de um grupo é a essência. Cada sociedade possui composição da cultura, maneira de ser e sobreviver em determinado espaço ou território, a cultura representando as diferentes formas de compreensão e ação de cada sociedade. Portanto, afirma Dias (2002), a cultura:

Compreende a totalidade das criações humanas. Inclui ideias, valores, manifestações artísticas de todo o tipo, crenças, instituições sociais, conhecimentos científicos e técnicos, instrumentos de trabalho, tipos de vestuário, alimentação, construções [...] (p. 130).

De acordo com Richards (2001) a cultura, na maioria dos casos, constitui trunfo para o desenvolvimento do turismo. Em muitos casos é considerada fator determinante do crescimento do consumo de lazer e turismo. Richards (2001) ressalta: turismo é cultura. A cultura ajuda a determinar o que o turista quer fazer, como resultado da educação formal e informal, os valores e os costumes culturais.

Contudo, pode-se constatar que todas estas definições não conseguem separar da oferta turística, bens e serviços que são produzidos para satisfazer as necessidades dos residentes, daqueles que são produzidos para satisfazer as necessidades dos turistas. Assim, a dificuldade de delimitar os contornos da oferta turística deve-se ao fato de haver multiplicidade de motivações das deslocamentos, bem como os serviços necessários aos turistas.

4 A FESTA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA

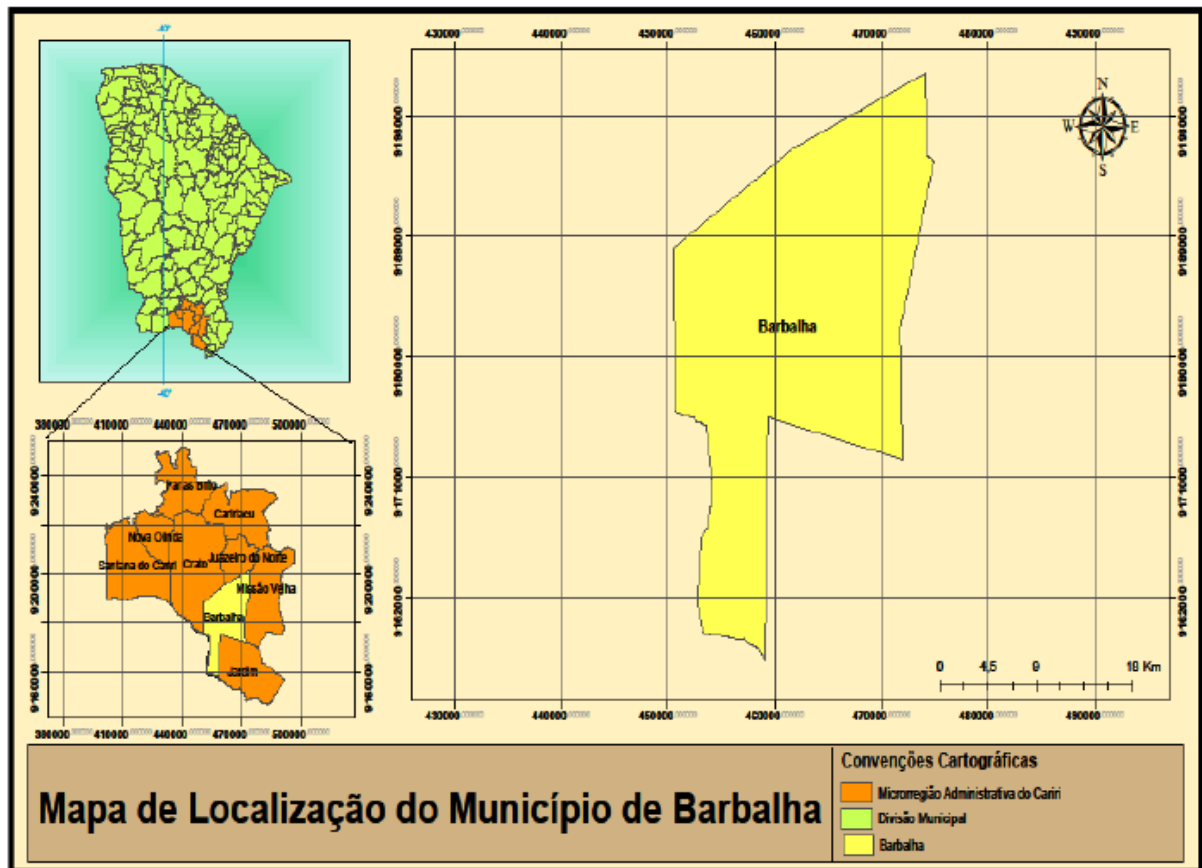
A festa de Santo Antônio serve de base para análise de comportamento, modos de vida, sentimentos religiosos, sociabilidade, dos peregrinos de Barbalha. Partindo de diversos pontos de observação: ritos e rituais, cerimônias, símbolos, ações, representações e experiências individuais e coletivas, enquanto fato social e turístico. O fenômeno social se configura pela participação coletiva pela superação da distância entre residentes e turistas, o que faz estes grupos sobressaírem na efervescência coletiva da festa de Santo Antônio.

A cidade de Barbalha situa-se na região do Cariri, sul do Ceará, a 560 km de Fortaleza, com condições climáticas diferenciadas do semiárido cearense, influência da Chapada do Araripe. Segundo Alexandre *et al.* (2013, p. 51-52).

Tal diferenciação viabiliza temperaturas amenas, chuvas estáveis, permeabilidade do solo e acumulação de água subterrânea, ocasionando irrigação por meio de fontes perenes que brotam das nascentes nas encostas da chapada, além de vales úmidos, solos férteis e um ambiente florestal privilegiado. Essas condições paisagísticas naturais contrastam com as demais localidades que cercam o Cariri, nos Estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí, que, embora contíguas à região sul do Ceará, apresentam clima quente, seco e uma vegetação típica da caatinga nordestina. É muito provável que as condições geoambientais possibilitadas pela Chapada do Araripe tenham contribuído para atrair os primeiros habitantes da região.

O sítio urbano de Barbalha, no Vale do Salamanca, é circundado pelas florestas das encostas do Araripe. A Figura 3 apresenta o mapa de localização de Barbalha.

Figura 3 – Mapa de localização do município de Barbalha – CE



Fonte: Dias (2012).

Geograficamente, Barbalha limita-se com os municípios de Jardim, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha e estado de Pernambuco. De acordo com Vieira, Feitosa e Benvenuti (1998), Barbalha tem área irregular de 497 km² localizada na carta topográfica Crato (SB.24-Y-D-III). O acesso ao município, a partir de Fortaleza, pode ser feito por meio da BR-116, CE-393 e CE-293, logo depois de Milagres. A Figura 4 mostra vista parcial de Barbalha.

Figura 4 – Vista de Barbalha



Fonte: Alexandre; Souza; Bezerra (2013, p. 53).

Ao apresentar a cidade de Barbalha aponta-se o estudo de Sousa (2010) que versa sobre memória integralista em Barbalha/CE (1933-1950), retratando a cidade intelectualizada, conservadora, onde as tradições católicas ganham força, e alguns moradores antigos a intitulam como a “[...] terra de distintos políticos, de homens de responsabilidades inatacáveis”, de “ilustres representantes” não só no regime monárquico como também no republicano. “Terra de Martiniano de Alencar [...]” (SOUSA, 2010, p. 44).

A cidade de Barbalha transcende um ar conservador, católico, tradicional, com a tranquilidade atribuída as cidades interioranas, com hábitos rurais, que se misturam a aspectos modernos, cidade de muitas especificidades e contradições.

A festa é um momento de prazer e contentamento. Durante a realização da festa, todos os elementos que a compõem festa, folclore, música, danças, comidas têm importante função social que é de introjeção dos valores da vida coletiva, partilha de sentimentos, comportamentos e conhecimentos de quando se vive em comunidade. Desta forma, a festa tem por função também reafirmar

igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar especificidades e diferenças (DEL PRIORE, 1994). Diz Zaluar (1983, p. 79-80), que:

[...] as festas fazem parte de um sistema de reciprocidade entre o cosmo e os homens, é um sistema criado socialmente, que permite aos agentes sociais perceber e interpretar fatos ordinários e extraordinários de existência ao passo que integra a visão de mundo.

A relação da festa religiosa que ocorre na Igreja de Barbalha é marcada pela presença de símbolos. O olhar leva a entender a contribuição do processo de colonização para a composição do cenário cultural do Cariri, pautado nos preceitos e dogmas da Igreja Católica. Assim como o papel do Estado que detinham o poder centralizado entre as instituições, o que resultou na separação de festas oficiais e populares, e por consequência, dos grupos sociais que dela participam: naquela a elite e o poderio eclesiástico e do Estado, e nesta o povo, a população marginalizada, no caso do Brasil, índios e negros (DEL PRIORE, 1994).

As festas oficiais, ou seja, da Igreja e do Estado, não criam essa segunda vida, pelo contrário apenas fortificavam o regime em vigor. As festas oficiais tendem a consagrar a estabilidade, imutabilidade e perenidade das regras que regem o lugar. Fortalece as hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais vigentes. Opondo-se a esta condição, as festas populares, festa da rua, da praça pública tornam-se liberação temporária da verdade dominante, quebra, mesmo que provisória, as relações de hierarquia e privilégios, é festa de renovação que se opõe à regulamentação (BAKHTIN, 1987). Em Barbalha, a festa de Santo Antonio é realizada em parceria entre o poder municipal e o poder paroquial.

Os festejos em homenagem ao Santo têm início treze dias antes da data comemorativa, que é o dia 13 de junho de cada ano. No entanto, ao final do mês de maio, tem início os preparativos para o tradicional corte do pau que servirá de mastro para a bandeira. Entre esses preparativos, se incluem os procedimentos para escolha da árvore que servirá de mastro, o corte e o transporte do pau. Souza (2000, p. 18) explica a origem da festa afirmando:

A devoção a Santo Antônio, em Barbalha, remonta a 1778, quando o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, quarto proprietário da fazenda Barbalha, considerado pelos historiadores locais como fundador de Barbalha, solicitou, ao Visitador Manoel Antônio da Roxa, que naquele ano estava em visita à Freguesia de São José dos Cariris Novos (hoje Missão Velha), licença para construir uma capela em louvor ao santo de Lisboa. A licença foi concedida pelo Visitador e confirmada pelo Bispo de Pernambuco Dom Frei Diogo de Jesus Jardim. A capela foi construída, sendo benzida e entregue ao proprietário da fazenda Barbalha pelo 6º Vigário de Missão Velha, padre André da Silva Brandão, em 23 de dezembro de 1790.

De acordo com o esse autor, a escolha do santo padroeiro da capela, além da devoção ao santo, pode ter sido causada pela origem da naturalidade do Capitão Francisco Magalhães – Santo Antônio do Urubu de Baixo, no atual estado de Alagoas o que “retrata a popularidade do taumaturgo de Lisboa no Brasil, ainda no período colonial” (SOUZA, 2000, p. 18).

A festa sagrada utiliza mastros que, de acordo com Frazer (1911, *apud* AMARAL, 1998b, p. 36-46), simbolizam uma reminiscência dos cultos fitolátricos⁶, ou seja, tudo que pode ser representado pelas árvores. O propósito deste costume seria trazer o frutificante espírito da vegetação, recém desperta da primavera.

As festas de mastro são comuns nas festas dos padroeiros. E assim, Cascudo (1988) afirma que os mastros estão relacionados à fecundação vegetal, visto que parte dos festejos acontecem no período de produção agrícola e colheita (milho, arroz, feijão, etc.). Os mastros com a figura do santo também sinalizam que a comunidade está em festa em homenagem ao Santo Padroeiro. Nos festejos juninos, por exemplo, é comum encontrar mastros com a bandeira de São João, São Pedro e Santo Antônio. De tradição portuguesa, os mastros são símbolos constantemente ressignificados nas festas, deixa de ser apenas um tronco de árvore e adquire significado simbólico passa a ser honra ao santo. Além de outras significações, trata-se de uma forma de mediação ou representação da crença e devoção entre as pessoas que têm fé.

Para o hasteamento do mastro, ocorrem momentos diferenciados: escolha, preparação, carregamento até o hasteamento. A madeira tem de ser de boa qualidade, de tamanho adequado, pois serve para sinalizar. Colocado em local elevado e dizem os devotos que quanto mais alto mais próximo ao céu, mais bênçãos e proteções recebidas.

4.1 RELIGIOSIDADE POPULAR E INTERAÇÃO CULTURAL

O tema religiosidade faz parte dos estudos e discussões sociológicas, geográficas, antropológicas, históricas, entre outras áreas do conhecimento, nas últimas décadas do Século XX e início do Século XXI. A religiosidade é cada vez mais valorizada pelas ciências humanas.

⁶ Culto aos elementos naturais (MAGNANI; TORRES, 2000).

Afinal, é na modernidade e na pós-modernidade que o mundo se reencanta, seculariza-se e torna visível a diversidade de dimensão religiosa. Expressões de religiosidade traduzem os símbolos, ritos, práticas e discursos, formas do ser humano representar, idealizar, pensar a sociedade e viver o cotidiano. Para explicar o empírico o conceito de cultura ajuda entender as práticas, crenças, atitudes, discursos, normas e códigos religiosos.

O conceito de circularidade cultural proposto por Ginzburg (1986), inspirada na obra de Mikhail Bakhtin (1987), mostra a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, onde o autor analisa a imbricação da cultura popular e identifica a dinâmica cultural, por meio da assimilação de aspectos da cultura popular por um representante da cultura erudita.

Com base na interação cultural, Ginzburg aprofunda a análise acerca da dinâmica recíproca e contínua que influencia os diferentes níveis culturais. Nesse contexto, Menocchio representa a dinâmica da circularidade cultural tendo acesso aos escritos da cultura letrada e adapta leituras às experiências e às vivências cotidianas de uma comunidade camponesa (SILVA, 2017).

Cultura é construção histórica e se relaciona com todos os aspectos da vida social. Nenhuma cultura existe em estado puro, idêntica a si própria. Todas as culturas sofrem influências internas e externas e, por isso, “toda a cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. O que varia é a importância de cada fase, segundo as situações” (CUCHE, 1999, p. 98).

O antropólogo Geertz (1989) conceitua a cultura, como uma teia, onde a pessoa, enquanto ser social, está amarrada aos significados. De fato, todos os aspectos da vida são afetados pela cultura em constante transformação.

A identidade cultural é construída nos contextos de interação entre os grupos sociais. A cultura é importante na organização das atividades turísticas, torna visível as singularidades do modo de vida dos grupos visitados. Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos. E lugar é o espaço onde o particular, o histórico, o cultural e a identidade permanecem presentes, revelando especificidades, subjetividades e racionalidades.

A cultura engloba tanto aspectos materiais como não materiais e se materializa na realidade empírica da existência cotidiana produzindo significantes. Os sentidos, ao invés de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimenta e orienta a prática. Lança-se mão de

suportes materiais e não materiais, produz-se inteligibilidade e reelabora-se simbolicamente as estruturas materiais de organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando e transformando. “A cultura é condição de produção e reprodução da sociedade” (MENEZES, 2009, p. 89).

O conceito de religiosidade popular analisado por pesquisadores, em especial Eduardo Hoornaert (1982); Laura de Mello e Souza (1995); Pedro Ribeiro (1985) e Francisco Rolim (2009), é abrangente, assim como rituais e práticas que o materializam, expressas nas romarias, nas festas religiosas, nos ex-votos, nas incorporações espirituais, na devoção aos santos, nas danças votivas, nos relicários, entre outras práticas.

A religiosidade está imbricada nos distintos contextos sociais, pois a religião orienta e normatiza o cotidiano de forma individual ou coletiva. Aponta caminhos e dá respostas para situações que a modernidade não consegue explicar: milagres, possessões, transe, entre outros aspectos do sagrado, expressos nas práticas da religiosidade popular.

Tomando como base Rolim (2009), a religiosidade popular engloba, pelo menos, três grandes linhas: o catolicismo popular e diversas manifestações; os cultos afro-brasileiros e o pentecostalismo de forma protestante.

De acordo com Carvalho e Sousa (2016) a religiosidade popular independe de classe social, não é corpo eclesial nem corpo doutrinário, pois se configura como uma relação direta com o sagrado; abrange crenças, costumes, rituais e vivências religiosas dos indivíduos, sejam de origem africana, indiana, protestante, católica, islâmica, espírita ou pagã. Possibilita amplitude de análise no interior de todas as formas sincréticas, pois está relacionada ao grau de interação direta com a ortodoxia que o devoto mantém com o catolicismo oficial.

Em relação ao conceito religiosidade popular, entende-se que ele não se apresenta como uma forma inferior de religião ou falsa religião, mas no sentido que as pesquisas de campo indicaram-se expressões de experiências religiosas que não pressupõem institucionalização, pois a religiosidade popular é própria do *homo religiosus*, o pensamento de Eliade (1992).

Festa e religiosidade têm contribuído na mediação entre as diferenças culturais que se instalam historicamente no Brasil, o que teria dado origem a uma cultura nacional diversificada (DEL PRIORE, 1994).

Por mais difícil que seja para as pessoas contemporâneas das civilizações urbanas e industrializadas entenderem racionalmente essas manifestações, é possível compreender que se trata da manifestação do sagrado, e assim o objeto torna-se outra coisa e continua a ser ele mesmo, porque fazem parte integrante do meio cósmico em que se vive. Este pensamento é assimilado pelos grupos sociais primitivos.

Galimberti (2003) analisando a problemática do sagrado afirma:

Sagrado é a palavra indo-europeia que significa separado. A sacralidade, portanto, não é uma condição espiritual ou moral, mas uma qualidade inerente ao que tem relação e contato com potências que o homem, não podendo dominar, percebe superiores a si mesmo, e como tais, atribuíveis a uma dimensão, em seguida denominada 'divina', considerada 'separada' e 'outra' com relação ao mundo humano (p. 26).

Sagrado é conceituado como algo que enseja respeitabilidade ao que é religioso, ao que espiritualmente inspira veneração, ou mesmo ao que se estabelece na sociedade com uma alta e respeitável condição moral. Evidentemente os povos das mais diferentes culturas cultivam sentimentos, experiências, objetos, ritos, celebrações ou hábitos específicos, aos quais as pessoas, conscientes ou não, atribuem valorização ao que, racionalmente, não seria de utilidade prática para a vida, mas se acredita possuírem energia própria.

4.2 PREPARATIVOS PARA O CORTEJO DO PAU DA BANDEIRA

O aspecto religioso oficial do Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio inicia-se em 1928, por resolução do vigário, Pe. José Correia de Lima, que se inspirou no costume popular existente em Barbalha de hastear a bandeira do santo festejado durante as festas juninas e por ocasião das Renovações do Sagrado Coração de Jesus, instituída por Padre Cícero (SOUSA, 2000, p. 4).

Muitos rituais foram inseridos na festa de Santo Antônio e nesse aspecto a inserção de acontecimentos no decorrer da festa, como o carregamento do pau da bandeira, é evento para a cidade muito antes de exposição na festa. Durante a escolha e corte do pau ocorrem tradições inerentes aos festejos sagrados. Cariry (2013, p. 93) explica a combinação de elementos sagrados e profanos na festa.

A festa de Barbalha em louvor a Santo Antônio combina a devoção católica ao santo casamenteiro com os ecos de antigos rituais pagãos europeus e indígenas (autóctones) que marcavam a época da colheita. A festa em Barbalha é um acontecimento centenário, e muitos apontam o Padre

Ibiapina como tendo sido o introdutor do costume religioso de hastear o mastro para a bandeira do santo na região, da mesma forma que incentivou o surgimento dos primeiros grupos de penitentes.

No dia em que ocorre o carregamento e hasteamento do mastro, ao som de bandas cabaçais e folguedos ao largo da igreja matriz, carregadores e expectadores dirigem-se ao lugar em que se encontra o pau para, em procissão, levá-lo até a igreja matriz, onde a bandeira de Santo Antonio é hasteada.

O corte do pau da bandeira ocorre cerca de quinze dias antes do início oficial dos festejos. No sítio Flores ou São Joaquim, homens escolhem a árvore que deverá tornar-se o pau de Santo Antonio. Entre os critérios utilizados para a escolha da árvore do pau da bandeira estão resistência e qualidade, além das dimensões, geralmente mais de 20 metros de comprimento e em torno de duas toneladas. Há menção ao sacrifício durante o carregamento do pau, o esforço dos carregadores durante o percurso está diretamente relacionado ao tamanho e peso do corte. A Figura 5 apresenta a localização dos sítios São Joaquim e Flores, da matriz de Santo Antonio, para onde se dirige a procissão do pau da bandeira. A Figura 5 também as árvores extraídas nos anos 2008, 2009 e 2010 para mastro.

Figura 5 – Sítios São Joaquim e Flores, e matriz de Santo Antonio



Fonte: Cardoso e Silva (2013, p. 148).

Cardoso e Silva (2013, p. 144) explicam como se dá a escolha da árvore para mastro do pau da bandeira de Santo Antônio (Figura 6):

A tendência de escolha do caule obedece aos requisitos de a árvore ser adulta, ter diâmetro compatível com o tamanho dos braços dos carregadores, permitindo a sua locomoção. A altura é outro fator determinante na escolha, geralmente optando-se por árvores que variam entre 20 a 25 metros, que permita o cumprimento da exigência simbólica da religiosidade, que consiste no hasteamento da bandeira do santo de devoção. Essas condições fazem com que a escolha das árvores se vincule às características técnicas do seu desenvolvimento condicionadas pelas condições geoambientais, mesmo sem que os carregadores tenham a consciência sobre elas.

Figura 6 – Escolha da árvore para mastro da bandeira de Santo Antônio



Fonte: Cardoso e Silva (2013, p. 140).

O cortejo do pau da bandeira, marco inicial das comemorações registrada no imaginário popular, passa ao longo da história por várias mudanças e alterações. Pode-se dizer que a modernização dos rituais passa de realização a carnavalização, observada de maneira clara no cortejo que acompanha a extração do pau da

bandeira promovido pela população de Barbalha (SOUZA, 2003). A Figura 7 mostra o cortejo para o corte do pau da bandeira de Santo Antonio.

Figura 7 – Cortejo para corte do pau, puxado pelo organizador



Fonte: Aplicativo Festa de Santo Antônio.

O ritual do pau da bandeira era realizado apenas com moradores locais, a partir da década de 1970 a festa toma dimensão mercadológica e toma outro formato (CARIRY, 2013). A Figura 8 mostra o caminhão com os cortadores saindo para o corte do pau da bandeira. Em compensação ao corte do pau, foi instituído em 2009 que 150 a 200 mudas sejam replantadas nas áreas verdes de Barbalha. Tradicionalmente, o corte do pau era feito no domingo, 15 dias antes da abertura da festa. Um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), assinado pela Prefeitura e órgãos ambientais (2008), orientou que o corte do pau seja feito no meio da semana com o objetivo de evitar a presença de curiosos que, segundo os ambientalistas, degradam a área de onde é retirado o pau.

Mesmo assim, cerca 200 pessoas acompanharam a derrubada da árvore. Em 2009, pela primeira vez, o curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri (Urca) promove um estudo sobre a trilogia “fé, ambiente e cultura popular”. O objetivo é promover uma interação entre estes valores que fazem parte da Festa de Santo Antônio. Sobre o reflorestamento, a Prefeitura diz estar cumprindo a sua parte. Em 2008, foram plantadas 200 mudas de plantas nativas no sopé da Serra do Araripe. “Este ano, serão plantadas mais 200 mudas”, garante o secretário de Cultura do Município (<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br>).

Figura 8 – Saída da população para o corte do pau



Fonte: Aplicativo Festa de Santo Antônio.

A pesquisadora Simone Pereira da Silva em tese “A Festa de Santo Antônio de Barbalha/CE: usos do passado no Século XXI” (2018) mostra as festas devocionais conforme transcrevemos abaixo:

É comum associar a festa ao sentido devocional, mas ela também comporta momentos de fuga da vida diária; de transgressão de normas; de reafirmação de hierarquias, valores e status ligados às tradicionais famílias de Barbalha ou a políticos; de negociações; de sacrifícios e catarse. Ou ainda, de inversão. Onde o homem simples do campo pode ganhar notoriedade e tornar-se reconhecido pela força e fé no transporte do mastro ou na apresentação nos diversos grupos de manifestações culturais (SILVA, 2018 p. 2).

Nesse clima a cidade de Barbalha é preparada e recebe os cuidados especiais para tornar-se esteticamente acolhedora para a festa. As guias das calçadas são pintadas de branco, muros da cidade ganham cor, árvores são podadas, praças são reformadas, o pau da bandeira do ano anterior é retirado da frente da Igreja Matriz, a madeira é reutilizada e a bandeira guardada onde foi confeccionada, ruas são limpas; bandas cabaçais perambulam pelas ruas tocando zabumba, triângulo e flauta, disputando com os carros de som que tocam músicas (SILVA, 2018). A rádio local veicula notícias da festa, todos os benditos próprios dos festejos, anunciando os eventos que rodeiam os rituais de Santo Antonio e do Pau da Bandeira.

Músicas, flores, ornamentam a cidade anunciando a chegada do espírito festivo, preparando a festa. A avenida conhecida como Corredor Cultural, que se estende do largo do Rosário até a Igreja Matriz de Santo Antônio, ganha ornamentação destacada, com bandeirolas coloridas e iluminação especial (Figura 9).

Figura 9 – Ornamentação na festa de Santo Antonio



Fonte: G1 (2012).⁷

Os carregadores, personalidades históricas e culturais da festa e autoridades junto a centenas de pessoas, se reuniram para acompanhar o corte do pau da bandeira que é símbolo da festa de Santo Antonio a cada ano. O grupo se concentra no Mercado Municipal de Barbalha a partir das 07 horas da manhã e, se dirige em caminhada até a Igreja Matriz de Santo Antônio. No local receberam as bênçãos do Pároco da cidade Pe. Antônio José (2018), que apesar de relatar não conhecer os movimentos da Festa do Pau da Bandeira, por ser novo na paróquia, se dispõe a fazer parte da comunidade barbalhense que realiza a festa. A Figura 6 mostra momentos do corte do pau com machado, em 2018.

Santos (2015) em pesquisas sobre o tema explica a questão ambiental articulada com a legislação ambiental, sobre a extração do tronco da árvore, já que a mesma é retirada de área protegida da Chapada Nacional do Araripe, esclarece:

O mastro é um dos símbolos que mais desperta curiosidade e múltiplas interpretações como vimos até agora. E a festa como um todo abarca diferentes esferas: política, cultural, histórica, ambiental. Ultimamente, tornou-se foco de questões ambientais. A relação natureza e cultura na festa são mutuamente importantes para a realização da mesma. Afinal, trata-se de um ritual em que uma grande árvore deve ser retirada de uma Área de Preservação Ambiental Chapada do Araripe (APA) (p. 64).

⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/fotos/2012/06/veja-imagens-do-primeiro-dia-da-festa-do-pau-da-bandeira-no-ceara.html>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

O ato da extração do tronco insere-se no processo que segue protocolo burocrático quanto aos órgãos ambientais que preservam as espécies nativas da Chapada Nacional do Araripe, sendo retirada de determinadas árvores como, rama branca, jatobá, pau d'óleo, inharé, pau d'arco, angico. A retirada do tronco ocorre somente após o aval dos técnicos do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), que acompanham o processo anualmente (SANTOS, 2015). O acompanhamento dos técnicos do ICMBIO é necessário por tratar-se de unidade de conservação, Área de Proteção Ambiental, e conforme Santos (2015):

Após alguns embates intelectuais e jurídicos entre a instituição que administra a APA e os envolvidos na realização da festa (prefeitura, carregadores, moradores), acordou-se, em 2008, o estabelecimento de alguns termos e obrigatoriedades sobre cuidados e regras acerca dos procedimentos a serem adotados a partir daquele ano (p. 64).

A fim de regularizar a prática da cultura popular exercida pelos moradores da cidade, segundo relatos históricos e evidências encontradas no trabalho de Souza (2000), desde a passagem do Padre Ibiapina pelo Cariri sendo essa prática considerada como uma das evidências da passagem do mesmo pela região, que é a utilização de tronco de árvore como mastro para o hasteamento da bandeira do Santo padroeiro. Quanto ao acordo realizado entre o poder municipal e os órgãos responsáveis pela regulação, orientação e fiscalização do cumprimento da lei, Santos (2015, p.64) complementa:

Criou-se o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) um pacto assinado por representantes do Ministério Público Federal, Prefeitura e órgãos ambientais tendo como objetivo disciplinar o processo de corte e retirada da árvore da mata, bem como ações para continuar a viabilização da realização da festa, levando em consideração a preservação da floresta.

Algumas das ações exigidas: replantio de mudas nativas de onde a árvore é retirada trabalho de consciência e informação da população e dos carregadores sobre a importância da conservação, de restrição de pessoas durante o ritual do corte, limitando o número ao necessário e suficiente para fazê-lo ou supervisioná-lo. Estes novos elementos inseridos no ambiente da festa contribuem para reorganizá-la, atribuindo-lhe novos significados.

As intervenções são inevitáveis diante das mudanças advindas dos conflitos na qual a sustentabilidade tanto cultural como ambiental, está na pauta das preocupações políticas e sociais atualmente. As Figuras 10 e 11 mostram o cortejo com o ritual de pegar no pau, ainda na floresta para receber bênçãos divinas.

Figura 10 – Corte do pau da bandeira de Santo Antonio



Fonte: <<http://www.gazetadocariri.com/2018/05/pau-da-bandeira-da-festa-de-santo.html>>.

Figura 11 – Pessoas pegam no pau da bandeira de Santo Antonio



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Nas matas do Sítio São Joaquim, localizado a aproximadamente 6 km do centro da cidade, os carregadores se unem em irmandade para dar apoio ao início a festa do Pau da bandeira de 2018. Antônio Roberto, conhecido como Roberto Maguila, é carregador há mais de 36 anos e conta que os carregadores são todos como irmãos. Diz ele “a alegria, satisfação e gratidão estão presentes em todos

esses anos”. Rodrigo, carregador do pau da bandeira desde 2015, afirma que “depois de 2015, é mais fácil se perder a festa de meu casamento do que ficar sem carregar o pau da bandeira” (O POVO, 2018).

Barbalha é terra que conserva a tradição e cultura popular, e a festa de Santo Antonio com o corte e carregamento do pau da bandeira está nesse contexto. Os carregadores mais novos presentes no sítio São Joaquim relatam que a vontade de carregar vem do sonho de infância, ao ver pais, tios e parentes carregarem a cada ano com fé e devoção o pau da bandeira de Santo Antônio. A tradição passa de geração em geração sendo mantida pelos homens barbalhenses, contando-se hoje com centenas de carregadores. Juntam-se as novas e as antigas gerações na devoção ao santo (BARBALHA ONLINE, 2018).

A festa não é apenas o momento da apoteose ou do espetáculo. Remete a um processo histórico. Requer preparação e exige esforço coletivo desenvolvido, em grande parte, nos bastidores. O que acontece, por exemplo, com elementos essenciais da festa, em torno dos quais se dá mobilização, compromisso e socialização de indivíduos e de famílias.

A confecção da Carroça da Cachaça do Sr. Vigário (Figura 12); a confecção da Bandeira de Santo Antônio, e o mais recente, que tem se tornado também a noite das solteironas. No dossiê do IPHAN é assim evidenciada: “A decoração das ruas e barracas; a carroça que servia de apoio aos carregadores ganhou uma decoração e virou carroça da Cachaça do Senhor Vigário” (BRASIL, 2015, p. 108).

Figura 12 – Barraca Cachaça do Sr. Vigário



Fonte: Site Baixa Funda.

Na festa ocorrem articulações entre as contradições e paradoxos possibilitados pelo ambiente festivo atrelando o profano ao religioso. As variações de interpretações por parte da população também compõem a significação do ato; alguns o percebem como falta de respeito porque mistura coisas que não deveriam se misturar, outros o veem como brincadeira ligada ao lúdico (SANTOS, 2009).

A cachaça se populariza e passa a atrativo da festa. Sai da cabaça e passa a ser carregada em cima de uma carroça dentro de um barril. Além de atração, tornou-se produto turístico. Segundo Souza (2009), a carroça na qual é transportada a bebida e a comida dos carregadores ganha novos significados, passa a ser atrativo turístico. Em primeiro momento a carroça era apenas um meio de transporte da bebida, a partir dos anos de 1970, ganha dimensão nova: o burro é enfeitado, há uma pequena coberta de palha e o tonel é substituído por outro com capacidade maior de armazenamento. “A carroça já não é apenas um transporte, mas é a carroça da Cachaça do Sr. Vigário, título irreverente que satiriza a autoridade eclesiástica”, afirma Souza (2009, p. 03).

A carroça faz parte do desfile das apresentações do domingo do dia do pau, e após o desfile circula pela cidade durante todo o dia, oferecendo

gratuitamente a cachaça aos moradores e visitantes, pessoas de fora às vezes pedem que algum parente ou amigo de Barbalha guarde um pouco da cachaça para experimentar, receosos que quando cheguem não haja mais a cachaça, o que às vezes acontece. Para os que gostam de beber, a cachaça da carroça é tão importante quanto pegar no pau de Santo Antônio, no sentido lúdico da brincadeira.

Cachaça, barril, carroça, condutor da carroça e jumento são figuras garantidas na festa, são enfeitados a cada ano de uma maneira diferente, trabalho este organizado e elaborado por um grupo de pessoas que se sente honrado em fazê-lo. É atrativo que diverte o ambiente e as pessoas, que chegam a fazer filas para tirar fotos e experimentar a cachaça. Afirma Silva (2013):

A fé e a festa, desde a mata, abrem espaços para a manifestação do sagrado e do profano, representados respectivamente por rezas, amizades, alegria e simpatias para acelerar casamentos, relacionados com o santo e goladas de aguardente. Apesar de a cachaça ser um componente da festa, a embriaguez, é voluntária, não faz parte do ritual, sendo o uso de aguardente apenas uma forma de encorajar os devotos, ou seja, de superar os medos, de adaptar mentalmente o condicionamento físico do corpo ao desafio de carregar o peso do pau (p. 224).

Diante da importância que a festa assume na cidade, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pesquisa para levantamento de informações, documentos, entrevistas, mapeamentos de bens culturais acerca da festa desde 2002, para dar início ao processo de reconhecimento e valorização da mesma como Patrimônio Cultural Brasileiro. Integrante da equipe que desenvolveu e produziu o inventário, Soares (2013) diz que a festa faz parte da paisagem da cidade:

Ao abordarmos uma festa considerada tradicional, como é a Festa de Santo Antônio em Barbalha, sobretudo tecendo considerações sobre a composição de um inventário e o desenvolvimento do processo de registro de tal manifestação, gostaríamos de pensá-la como um conjunto de práticas e discursos que configuram uma determinada paisagem da cidade. Conquanto a Festa de Santo Antônio seja uma manifestação sujeita a novas dinâmicas e reformulações a cada ano, não deixa de ser uma referência paisagística na medida em que se delinea – por meio de imagens, memórias, políticas, propagandas – a construção de alguns sentidos concernentes a determinados espaços e práticas, tornando-os centrais nos discursos e percepções envolvendo a instrumentalização de noções como identidade, tradição, cultura, cultura popular, etc. (SOARES, 2013, p. 240).

Consta-se que o processo de registro junto ao IPHAN só foi concluído em 2015. O último embargo deu-se por conta da nomenclatura que seria usada para fazer o registro da festa, discussão que envolveu questões de cunho ideológico, e não propriamente técnicos. Na documentação enviada ao Departamento de

Patrimônio Imaterial do Estado do Ceará (DPI) havia referências distintas quanto à denominação do bem cultural; em alguns documentos constava a denominação Festa de Santo Antônio e, em outros, Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio (SOARES, 2013), ficando inscrito no Livro de Registro das Celebrações como Patrimônio Cultural Brasileiro como Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha.

À primeira vista pode parecer diferença pouco significativa, mas gerou polêmica. Os carregadores do pau da bandeira, representados pelo Capitão do Pau, o senhor Rildo Teles, opôs-se à definição da festa como Festa de Santo Antônio, entende que exclui outros grupos que participam da festa. Defende apenas Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. O embate com os que divergem do nome aprofunda-se. As discussões atrasaram o andamento do processo, em cujo desfecho, sob protesto dos carregadores, decide-se pelo registro referido.

No cortejo do ano de 2018, em média 200 carregadores trouxeram o pau da árvore Rama Branca da zona rural de Barbalha, do sítio São Joaquim, para o centro da cidade. O cortejo se iniciou por volta das 11h e às 17h40min foi hasteado o mastro da bandeira de Santo Antônio.

Todas as concepções relacionadas à festa têm o ponto de culminância, segundo Souza (2000), no cortejo de carregamento e o hasteamento do pau como mastro que ergue a bandeira do santo um dos pontos centrais da festa. Souza (2000) nos estudos afirma que sempre houve o consumo da cachaça em todo processo de carregamento, onde são apresentados registros que evidenciam tal fato nas décadas de 1940, 1950 e 1960, reafirmando o caráter carnavalesco das festas devocionais.

Existem relatos em documentos e registros da farra dos carregadores que ocorre tão logo a bandeira é hasteada no pátio da igreja matriz de Santo Antônio, o que demonstra com isso a relação profana/sagrada do ritual sagrado desde os primórdios de criação (SOUZA, 2000).

Observa-se no material desenvolvido pelo IPHAN sobre a festa a evidência da singularidade desse momento como elemento que caracteriza a tradição, conforme transcrito abaixo:

O carregamento – que, decerto, é um dos momentos centrais da festa – reúne uma porção de homens dedicados ao esforço enorme de levar adiante, em seus braços e ombros, a condução, em direção ao local de hasteamento, de uma árvore desgalhada, cuja extensão chega a vinte e dois metros, ou mais, e o peso a aproximadamente duas toneladas, duas

toneladas e meia, estando um pouco mais leve no dia em que será transportada por ser posta a secar, ao longo de quinze dias, na chamada “cama do pau”, exatamente durante o intervalo entre o dia em que ocorre o corte da árvore e o referido carregamento (BRASIL, 2015, p. 15).

Todavia, a celebração é mais ampla que apenas o carregamento do pau e hasteamento, existem os outros sentidos e aspectos econômicos e culturais que se unem com a arte anunciando o cortejo (SILVA, 2018). No dossiê do IPHAN existe um relato sobre a extração, ou o corte da árvore, citado abaixo:

O corte da árvore que se tornará o mastro a ser carregado e hasteado, no decurso da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, ocorre aproximadamente 15 dias antes do início oficial da celebração. Entre dez e quinze homens adentram à mata, do sítio Flores ou São Joaquim, localizado no “sopé da serra do Araripe” a fim de escolher qual a árvore que deverá sofrer o corte, tornando-se, então, o “pau de Santo Antônio” (BRASIL, 2015, p. 72).

Durante o carregamento do pau ocorre divisão de atribuições entre os carregadores, havendo aqueles responsáveis por carregar o pau, outros se responsabilizam por animar o momento do corte e do transporte, os organizadores diretos. Há participação popular durante todos os momentos que permeiam o corte e o transporte do pau.

Conforme afirma Dias (2012, p. 94-95) “O cortejo se alonga entre o ponto inicial de carregação no Bairro Bela Vista até o fincamento do pau em frente à Igreja Matriz no centro, correspondendo a uma distância de mais ou menos 8 km, com tempo de duração de seis horas”. Após o fincamento do pau da Bandeira se dá o início oficial aos festejos do padroeiro.

No início da noite de domingo, dia 31 de maio de 2015, no cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio, na entrada da Rua da Matriz, faltando cerca de 200 metros para o local do hasteamento da Bandeira de Santo Antônio, o clima de muita alegria entre os carregadores deu lugar a muita tristeza, choro e lamentações pelo acidente com um dos carregadores. No momento de largar o tronco no chão, o carregador, Cícero Ricardo, popularmente conhecido como “Careca”, foi atingido pelo angico de mais de duas toneladas, foi socorrido, mas não resistiu vindo a óbito. Cícero Ricardo era um dos coordenadores do tradicional cortejo do pau da bandeira há mais de quinze anos, conforme relata George, que também é carregador do pau da bandeira há mais de 40 anos, e foi a pessoa que introduziu Careca nesse cortejo. Mesmo após o acidente, o cortejo prosseguiu concluindo o hasteamento do mastro.

Uma das crenças que rondam Santo Antonio é que a mulher que tocar no pau da bandeira ou beber o chá da casca do tronco terá os problemas amorosos resolvidos e encontrará um companheiro em até um ano. Uma das manifestações populares durante os festejos do pau da bandeira é a noite das solteironas, como é conhecido o grupo de mulheres que desejam sair do caritó, ou seja, arranjar um bom casamento. De fato, esse é um dos marcos culturais da Festa de Santo Antônio que é observado pela comunidade. Há crença de que o Santo Antônio é o santo casamenteiro.

‘Capitão do Pau’ desde 1992, Rildo Teles, destaca que ‘a condução do mastro é uma demonstração de fé, persistência, força e espírito coletivo.’ Como diz a tradição, nos intervalos de descanso dos carregadores durante o percurso, as mulheres se aproximaram para pegarem no mastro que será erguido a bandeira do Santo casamenteiro. ‘Além de pegarem no tronco, diz à lenda que elas também podem sentar ou até mesmo retirar lascas para fazer chás, óleos e lembranças. Tudo em busca de um companheiro’, explica Rildo (DIÁRIO DO NORDESTE, 2017).

A festa do padroeiro de Barbalha é festejada durante os nove dias de realização, pela ocorrência de cortejos culturais com apresentações artísticas peculiares do Nordeste brasileiro, notadamente da Região do Cariri Cearense.

Nessa oportunidade, Barbalha, apresenta multiplicidade de exposição de arte, música, folclore, expressões culturais da festa do Pau da Bandeira. Considerando ser a maior atração turística do entorno.

Estima-se que cinquenta grupos folclóricos fazem apresentações durante os dias de festejos. Entre as manifestações da cultura popular que se apresentam, ganham destaque os grupos de maneiro-pau, incelências, penitentes (Figura 13), reisados (Figura 14), quadrilhas, zabumbeiros (Figura 15) bacamarteiros, bandas cabaçais (Figura 16) e dança do pau de fitas.

Importante salientar, aqui, que muitas dessas manifestações da cultura popular já passaram por diversas modificações significativas ao longo dos anos, em razão do processo de cultura de massa inerente às relações sociais modernas, decorrentes do processo de globalização. Em razão dessa perda de originalidade e abandono das tradições, faz-se necessário que seja realizado um estudo mais acurado acerca da contribuição da Festa de Santo Antônio para a revitalização e preservação dessas tradições culturais locais. Em seguida passamos a falar de algumas tradições culturais que desfilam na Festa de Santo Antônio em Barbalha.

Figura 13 – Penitentes de Barbalha



Fonte: Diário Cariri.com (2018).

As apresentações dos penitentes incluem rezas, canções e passeios pela cidade de Barbalha, contando também com a participação das incelências. As incelências, por vez, são consideradas grupos de tradição da cultura do Cariri e do Ceará, são geralmente as esposas dos penitentes. As atividades folclóricas não se limitam apenas ao período dos Festejos de Santo Antônio, já que, por exemplo, cantam em velórios de pessoas da região. São importante elemento da cultura local.

As manifestações culturais, como o reisado são bem típicas da Região do cariri Cearense. Durante os festejos de Santo Antônio é possível observar uma aglutinação de grupos de reisados provenientes dos mais diversos municípios da Região do Cariri. Diante de toda essa riqueza cultural, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio foi registrada pelo IPHAN como patrimônio cultural imaterial, fortalecendo ainda mais as tradições culturais que envolvem esse importante evento religioso-cultural.

Figura 14 – Reisado



Fonte: Eloi (2018).

Figura 15 – Zabumbeiros



Fonte: Santos (2018).

Os zabumbeiros tocam um instrumento semelhante a um Tambor confeccionado de pranchas de madeira coladas com veios alternados ou metal, no formato de caixas cilíndricas, conhecido por zabumba.

A Banda Cabaçal ou Banda de Couro é o conjunto musical mais típico do interior cearense, notadamente da região caririense. Originou-se no meio dos escravos africanos, segundo alguns estudiosos, mas se desenvolveu e adquiriu suas peculiaridades principais entre o próprio povo do Cariri. Outros justificam a influência indígena, possivelmente devido ao uso de instrumentos, de características

indígenas. A Banda Cabaçal se compunha de quatro elementos tocando zabumba, pífaros e uma caixa.

É comum ver-se cinco elementos vez que, o uso dos pratos, foi introduzido, talvez por influência da Banda de Música. Quanto ao termo “cabaçal”, tem como explicação a semelhança do barulho do conjunto com aquele produzido pelo choque de cabaças secas. O Instituto Cultural do Cariri, mantém sob sua responsabilidade cerca de sete conjuntos, sendo um dos mais famosos, a Banda Cabaçal Irmãos Aniceto, localizada no município de Crato.

Figura 16 – Banda Cabaçal de Barbalha-CE



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=VaQOu8GPtgE>>.

Pontua-se que o reconhecimento formal, por parte do IPHAN, da importância da festa, contribui para a preservação das tradições locais, que, de tão antigas que muitas perderam os traços peculiares e tradicionais.

Nesse contexto, importante destacar que o patrimônio cultural imaterial, diferentemente do patrimônio cultural material, constituído de bens móveis e imóveis, é dinâmico e intangível, sujeito a mudanças (BRASIL, 2006).

Constitui patrimônio cultural imaterial os modos de vida das pessoas, saberes e fazeres, os quais estão em constantes mudanças. Assim, a cultura, o turismo cultural, são condicionantes e condicionados pelo comportamento humano, de forma que cabe ao caririense reconhecer essa dinâmica.

Cabe registrar que, em relação aos produtos artesanais de origem e outras manifestações culturais congêneres, é importante que sejam mantidas as

características essenciais, já que representam a própria identidade de determinadas comunidades (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). É necessário o reconhecimento formal da Festa de Santo Antônio como patrimônio cultural do Brasil, aí compreendidas as manifestações culturais que acompanham os festejos sagrados, sendo necessário estudar a Festa do padroeiro e implicações na cultura popular em Barbalha.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio ou Festa de Santo Antônio, no Cariri, representa a abertura do circuito de festividades juninas. Festividades, importantes no Nordeste, além da festa de Santo Antônio festeja-se também São João, São Pedro, São Gonçalo e São Marçal.

Embora São João, de maneira geral, seja o santo mais importante e comemorado dos festejos juninos, em Barbalha, Santo Antônio, sendo o padroeiro da cidade, registra festa que não deixa a desejar, uma majestosa festa. A tradição religiosa, vinda de Portugal, está associada à identidade do barbalhense.

Em Barbalha, os festejos de Santo Antônio praticamente surgem concomitantemente com o primeiro assentamento populacional do qual deriva a cidade. Em torno da pequena capela dedicada a Santo Antônio de Pádua, a cidade cresce e se desenvolve como conta a poetiza barbalhense, Terezinha Couto Duarte: “Santo Antônio de Pádua, padroeiro de Barbalha, nós te saudamos, como cidadão imortal desta comunidade que viste florescer e progredir em torno de tua capela – hoje transformada em magnífico templo” (DUARTE, 1979, p. 109-110).

Sobre esse aspecto uma depoente afirma: “A festa de Santo Antônio é a festa mais importante do ano, a nossa cidade se anima e tudo muda”. Nas falas e narrativas, outro entrevistado reconhece a festa como o maior evento e marco principal da cidade para qual todos se mobilizam, pois, todos os moradores se preparam para viver em cada festa todas as tradições.

Este posicionamento assemelha-se com a afirmação de outro entrevistado, que se deslumbra quando descreve a emoção da festa: “É uma alegria grande a festa do pau da bandeira para nós, quem é de Barbalha sabe da grandeza do povo tudo junto, alegre, na igreja e na praça”.

Os relatos mostram a descoberta do novo, aquilo que é inédito que ultrapassa as visões tradicionais e acabadas evidenciando explosão de alteridade de comunidades periféricas, que ganham força derrubando barreiras predominantes da

sociedade, gerando caos e evidenciando as contradições que enriquecem as expressões da arte marginalizada (BAKHTIN, 1993).

Constata-se em relatos que a expressão concreta de ser parte da coletividade transborda do sentimento individual do fazer tomando corpo na unidade coletiva massificada em um grande corpo popular, o ajuntamento, as aglomerações, o contato físico, as fantasias, as máscaras, fazendo com que o sujeito deixe de ser quem é e una-se anonimamente ao todo.

O coletivo ganha força, e o conjunto do fazer de todos dá ideia da beleza da festa e importância do momento evidenciando a linguagem que atribui pertencimento ao grupo de habitantes que vive em Barbalha, gerando auto-reconhecimento e diferenciando-os das demais cidades do Cariri.

Constata-se que a estagnação dos engenhos de cana de açúcar e seus derivados exige que a festa do padroeiro crie a possibilidade de reinventar atividades econômicas rentáveis, valorizar o potencial turístico da festa. A festa de Barbalha é um momento importante de aquecimento da economia da cidade.

Modificação importante quanto à realização da festa foi a crescente participação do Estado, na esfera municipal, quando a prefeitura assume, em grande parte, a partir da década de 1970. A organização dos festejos e incentivo para as apresentações culturais são institucionalizadas pelo Estado e Igreja.

Os festejos passam a elementos estratégicos na formatação das imagens positivas das entidades apoiadoras do evento, sejam de ordem pública, privada ou mesmo religiosa, atribuindo credibilidade aos patrocinadores.

Esse modo concreto de evidenciar necessidades e angústias de forma criativa e articulada transforma práticas oficiais da religião pela mediação da cultura em busca de resposta concreta às necessidades. Na afirmação de Frankl (2005), a dimensão espiritual promove a realização das pessoas. Esse emaranhado de múltiplas crenças cria personagens que prendem a atenção de peregrinos e pesquisadores.

No dossiê publicado em 2015 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que constitui um inventário com referências importantes sobre os elementos constituintes da festa, evidencia-se a introdução do folclore, do artesanato na festa, associado a mudanças no cortejo do carregamento do pau da bandeira, foi definido por Souza (2010, p. 17) como folclorização. Para esse autor o processo teria iniciado em 1973, quando o poder público municipal e a paróquia

unem-se com o objetivo de transformar a Festa de Santo Antônio em evento religioso de cunho folclórico, artístico e cultural.

Fato é que a festa passa a ser também profana, o que constitui interesse da pesquisa. A fim de ampliar a compreensão sobre o tema, Caillois (1989) explica a parceria religiosa econômica:

Em forma plena, com efeito, a festa deve ser definida como o paroxismo da sociedade, que ela purifica e ao mesmo tempo renova. Ela não é seu ponto culminante apenas do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista econômico. É o instante da circulação de riquezas, o das transações mais consideráveis, da distribuição prodigiosa das reservas acumuladas (CAILLOIS, 1989, p. 24).

Esta afirmação mostra que, em Barbalha, a festa sagrada é oportunidade para crescimento do comércio de objetos sagrados, mas, sobretudo, dos profanos, tais como bebidas e comidas. As práticas religiosas cotidianas e a menção às dimensões das experiências vividas nas práticas econômicas do dia a dia, leva os inúmeros elementos constituintes aos poucos criarem a identidade social e religiosa da festa oficial organizada pela Igreja católica.

No dossiê do IPHAN encontram-se referências ao processo de modernização e folclorização da festa focalizando os elementos profanos aceitos no desenrolar da festa. Em análise do tema, Souza (2010) delinea o movimento pelo qual vários elementos da festa ganham ar folclórico, sobretudo o Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antonio.

O cortejo do pau da bandeira é um marco importante de conjunção de elementos da cultura popular, que enriquece o ritual com nuances profanas, e aspectos da religiosidade tradicional. O tronco de uma árvore retirado em ritual torna público o início das festividades, contudo esse momento é acompanhado pela bebida, cachaça, juntando-se os elementos sagrado e profano. No momento do cortejo a bebida promove aspecto cômico da festa pagã.

O ritual de passagem que renova a força da tradição católica junto às manifestações religiosas populares, quando a população mais simples expressa participação mesmo que anônima, o que reforça o reconhecimento de religião popular evidenciado por Oliveira (2011).

Um entrevistado quando perguntado sobre a retirada do tronco da árvore para ser mastro da bandeira do santo, sobre o ritual do corte na festa sagrada responde: toda a retirada do pau é sagrada, é algo para o santo. Desde que eu era

moleque eu via esse movimento, meu pai já era carregador. É para o santo, vale o sacrifício. Tem que se beber senão os homens não aguentam tanto trabalho. A partir dessa afirmação se fez o questionamento: o fato de beber para carregar o tronco da árvore diminui o valor da festa? E a resposta é que esse ato é compreendido como necessário, como parte integrante da festa sagrada.

A invenção do corte da árvore, conforme o prefeito da época⁸, serviu para divulgar a festa e atrair turistas para o município. Assim, aos poucos, a festa foi sendo transformada em evento turístico, sem perder, no entanto, o caráter sagrado, apenas amplia a dimensão para o folclórico, econômico e turístico (SILVA, 2013).

Tendo como referências as práticas religiosas cotidianas e experiências de vida, os carregadores, aos poucos, constroem espaço de afirmação sócio religiosa na festa oficial organizada pela Igreja católica. Trata-se de uma festa religiosa porque a Igreja é a principal patrocinadora e o motivo é religioso, centrado na figura de Santo Antônio. Contudo a parte profana da festa possui relevância, conforme Amaral (1998a).

As festas parecem oscilar mesmo entre dois polos: a cerimônia (como forma exterior regular de um culto) e a festividade (como demonstração de regozijo e alegria). Elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por amplitude e do mero divertimento pela densidade. Na verdade, os dois elementos têm afinidades. Durkheim já observava o aspecto recreativo da religião e a cerimônia religiosa é, em parte, um espetáculo (representação dramática, no caso de um mito ou aspecto dele ou de um evento histórico). Este caráter misto poderia ser tomado como um primeiro termo de definição da festa, pois ele parece ser fundamentalmente ambiguidade: refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado e tem necessidade de comportamentos profanos. Toda festa ultrapassa o tempo cotidiano, ainda que seja para desenrolar-se numa pura sucessão e instantes, de que o happening constitui o caso limite. Toda festa acontece de modo extra cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identifica-la, mas ultrapassa o rito por meio de intervenções nos elementos livres (p. 17).

Acrescenta Alexandre (2013), a festa de Santo Antônio é um fenômeno rico em detalhes, integra história, cultura e meio ambiente, o que a torna digna de reconhecimento como patrimônio cultural imaterial. O inventário exigido pelo IPHAN, como parte do processo de reconhecimento da festa, dá visão geral da festa a partir dos envolvimento:

⁸ Fabiano Livônio Sampaio.

Celebrações (Corte do Pau da Bandeira, Bênção da Bandeira, Carregamento e Hasteamento do Pau da Bandeira, Desfile dos Grupos de Folguedos, Trezena de Santo Antônio, Procissão de Santo Antônio), Formas de Expressão (Bandas Cabaçais, Capoeira, Dança da Maresia, Dança de São Gonçalo, Dança do Capim da Lagoa, Dança do Coco, Dança do Maneiro Pau, Dança do Milho, Dança do Pau de Fitas, Lapinhas, Incelências, Penitentes, Quadrilhas, Reisado do Congo e Reisado de Couro), Ofícios (Carregador da Bandeira, Carroça da Cachaça, Comida dos Carregadores, Confeção da Bandeira, Confeção das Máscaras do Reisado, Confeção dos Objetos Rituais dos Penitentes, Cortadores do Pau, Fabricação do Guincho, Ornamento do Carro Andor e Fabricação de Tesouras), Lugares (Barbalha, Bairro Bela Vista, Sítio Flores, Praça da Matriz, Rua da Matriz, Rua do Vidéo e Sítio Joaquim) e Edificações (Biblioteca Municipal, Casa de Câmara e Cadeia, Casarão Hotel, Centro de Hipertensão e Diabetes, Chalé das Freiras, Cineteatro, Igreja do Rosário, Igreja Matriz de Santo Antônio e Palacete Alencar) (ALEXANDRE *et al.*, 2013, p. 50).

Entre os grupos que se apresentam na Festa de Santo Antônio, está o de incelências (Figura 17) formado por 17 mulheres e criança trajada de anjo. As integrantes do grupo são convidadas a encomendarem as almas em velórios por meio de cantos e realizam essa atividade há mais de 50 anos, no Sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha (ANUÁRIO DO CEARÁ, 2018).

Dourado (2004, p. 166) explica que incelência é “música de funeral do Nordeste brasileiro introduzida pela tradição religiosa portuguesa. Os cânticos, em louvor ao defunto, começam na chegada do corpo e terminam na despedida, ao baixar do caixão”. Trata-se de ritual passado de geração para geração por meio de narrativas orais, mas, com o passar o tempo, o ritual cai em desuso. O grupo passa a se apresentar em eventos culturais promovidos pelo poder público para manter viva a tradição. Apresentam-se na abertura da festa de Santo Antônio, com outros grupos da cultura popular como reisados, penitentes, pau de fitas, entre outros.

Figura 17 – Incelências na abertura da Festa de Santo Antonio



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Na festa sagrada há procissão, quermesse, trezena, novena e saudação ao santo padroeiro, bem como o hasteamento da Bandeira de Santo Antônio. A popularização do Santo Antônio no Brasil ocorre com a vinda da imagem de Portugal sendo então um dos santos oficiais difundidos no período do Brasil colonial. Entre os aspectos que evidenciam a vida dos santos atribui-se algumas funções vinculadas ao imaginário popular quanto à devoção e milagres atribuídos a Santo Antônio, segundo a tradição trata-se de santo casamenteiro. Vainfas (2003) faz a seguinte colocação:

No início da Época Moderna, a face doméstica e afetiva de Santo Antônio se concentraria, no âmbito do catolicismo popular, em virtude de casamenteiro, de santo promotor de matrimônios. “Casai-me Santo Antônio, Casai-me!”, eis o que aparece em várias orações (p. 30).

A compreensão do sagrado é forte e respeitada por grande parte dos participantes, embora haja pessoas que se apresentam de forma desrespeitosa, profanando o ambiente de lazer.

Na festa profana tem destaque o carregamento do pau da bandeira, as barracas com bebidas e de comidas típicas, leilões, shows artísticos. O hasteamento da bandeira implica o levantamento do mastro religioso e o carregamento do pau como profano. A separação entre as duas dimensões da festa é sutil; sempre haverá

equivalências, tal como prova o fato de que a Festa de Santo Antônio passa a ser denominada Festa do Pau da Bandeira. O que se vê como ponto de união das dimensões decorre de conflitos e desavenças, pois o pau da bandeira absorve dois aspectos, o sagrado e o profano.

Entre as expressões religiosas e as teatralidades lúdicas envolvendo teia entrelaçada de múltiplos sentidos estão as crenças relacionadas aos jogos cotidianos de poder e a marca principal que são as relações sociais. As sociabilidades extrapolam em todo o período da festa que é de encontros de amigos e de fazer novos amigos (LUZ, 2008).

O *marketing* comercial da festa está em cartazes, à espera do grande público. A Figura 18 mostra anúncio da Festa de 2018.

Figura 18 – Anúncio da Festa 2018



Fonte: Prefeitura Municipal de Barbalha (online).

Os shows de artistas famosos, de projeção nacional, e também de artistas da região atraem muitas pessoas para Barbalha. A cidade é ornamentada à espera dos brincantes que lotam os espaços das manifestações religiosas e populares durante os dias de festejos.

4.3 DA ORNAMENTAÇÃO DA CIDADE ÀS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PRESENTES NA FESTA

Santo Antônio, São João e São Pedro, os três santos comemorados no mês de junho em Barbalha e no país desde o período colonial. Principalmente na região Nordeste, esses santos são reverenciados e pode-se dizer que a importância das festas juninas, para o nordestino ultrapassa a festa natalina; eventos mais atrativos e de investimento popular, importantes culturalmente, politicamente e na área do turismo.

As datas festivas são: 13 de junho, festa de Santo Antônio, 24 de junho, São João e 29 de junho São Pedro. Nestes dias, principalmente nas cidades do interior do Nordeste, as festas são regadas a comidas típicas: batatas-doces assadas, mugunzá, canjica, milho verde, baião de dois, vatapá, paçoca; fogueira, quadrilhas, bombinhas e com a música inerente ao período que é o forró – todo sanfoneiro do profissional ao amador são contratados para animar os espaços da festa.

Acredita-se que se Santo Antônio for devidamente suplicado, rogado, arranja casamento para a mais feia das moças solteiras da festa, esta é a crença mais estimada nas festas juninas. O santo casamenteiro é um dos santos mais associado às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil.

Os residentes de Barbalha aguardam, ansiosos, a festa e se animam com a ornamentação. Gera-se a expectativa de que seja mais caprichada e mais bonita que a do ano anterior, torna-se um tipo de termômetro para identificar a atuação da administração pública no evento, avaliado em êxito ou fracasso do que está por vir.

A rotina da cidade é quebrada semanas em que antecede a abertura da festa com varais de bandeirinhas cruzados sobre as ruas da cidade. A multiplicidade de cores sinaliza que é tempo de festa, chamando o Nordeste para se preparar para o domingo que se aproxima, o dia do pau da bandeira! Quem passa pelas ruas enfeitadas não consegue dissociar a dimensão festiva de vidas. Bandeiras, bonecos gigantes, representando brincantes, faixas, sons e movimento, quebram o cotidiano dos moradores. As ruas enfeitadas parecem o caminho que leva todos à mesma condição: devotos do Santo Antônio. É como se o santo norteasse o consenso entre as pessoas; pois sem ele não haveria a Festa, a alegria! (SILVA, 2013, p. 217).

Ficam na expectativa de verificar se haverá alguma alteração na ornamentação da cidade para a festa, se a prefeitura vai investir mais ou menos do que o ano passado. Gera-se grande especulação em torno do fato, pois o cidadão

comum sente-se parte integrante do processo de produção da festa gosta de receber turistas e visitantes.

Outro fato muito comentado nas ruas são as atrações da festa. Algo que chama a atenção é o fato de algumas pessoas observarem a previsão dos orçamentos e investimentos realizados pela prefeitura na festa e essa informação torna-se ponto de conversa em espaços públicos e entre as famílias da cidade de Barbalha, servindo inclusive de comparação com os anos anteriores.

Existe, portanto identificação maciça entre a população e a festa, aspecto diferente de outras festas religiosas do Cariri onde a população ressenete-se, em alguns casos, da falta de preparativo para receber os visitantes o que causa tumulto e alguns contratempos. Parte da população que reside no centro da cidade vibra com as festividades de Santo Antônio.

Todos desejam ver a cidade bonita, enfeitada, alegre, colorida, atribuindo esses detalhes ao desempenho do gestor municipal, que é sempre avaliado.

Alguns entrevistados dizem que se os políticos não investem na ornamentação não haveria pessoas de fora da cidade, ainda mais porque também a ornamentação é barata, não tem nada de caro na ornamentação, e eles todo ano aproveitam coisas do ano anterior.

Ressalta-se que a festa para ser boa, segundo os moradores, está diretamente ligada às responsabilidades da Prefeitura. Desde que a festa passou a ter investimento e intervenção direta da política local, dividindo responsabilidades com a Igreja, as cobranças sobre a organização da festa recaem sobre a administração pública. A Figura 19 mostra cenário da ornamentação frente à Matriz, em 2017.

Figura 19 – Ornamentação da praça em frente à matriz-2018



Fonte: Dados da Pesquisa.

Além do corredor cultural de Barbalha existem outros lugares fundamentais onde a festa concentra as apresentações de dança com quadrilhas, de músicas com artistas locais e nacionais, teatro, quermesses, bingos, na Rua da Matriz, localizada ao lado da Igreja Matriz de Santo Antônio e o Parque de Eventos Governador Tasso Jereissati, conhecido como Parque da Cidade, onde acontecem os eventos turísticos, tais como shows, feira de artesanato, barracas de comida, bijuterias. A Figura 20 apresenta atrações musicais da festa de 2018.

Figura 20 – Atrações musicais da festa



Fonte: Prefeitura Municipal de Barbalha (online).

Em média 36 pessoas participaram da confecção dos adereços em Barbalha. Foram mais de dois meses trabalhando manhã, tarde, noite e, muitas vezes, indo até o início da madrugada. “Há dois meses que estamos nessa luta e vamos trabalhar até sábado para dar acabamento na barraca da noite das solteironas e ornamentar o Engenho Tupinambá”, descreve o artista plástico, barbalhense apaixonado pela Festa de Santo Antônio, Cícero que conhece o evento, já que seu avô foi o primeiro capitão do Pau da Bandeira e seu pai, carregador. "Barbalha tem a peculiaridade da cultura popular, em mais de 300 grupos vivos, atuantes", exalta o artista plástico Cícero José Pereira. A Figura 21 apresenta momento de confecção de adereços para a Festa.

Figura 21 – Confecção dos adereços para a Festa de Barbalha



Fonte: Rodrigues (2018).

Na Rua do Vídeo, bandeirolas e balões estão espalhados de ponta a ponta, da Igreja Matriz até a Igreja do Rosário, com destaque para a Bandeira do Brasil, formada com a junção de cores, remetendo à proximidade da Copa do Mundo de futebol. Imagens de Santo Antônio em azulejos, faixas, bandeiras espalhadas nas fachadas das casas. Com isso as festividades refletem não só alegria ou economia da cidade, mas também a fé que todos depositam no Santo Antônio.

Várias são as etapas da festa, no contexto instituído, a abertura oficial que se dá com uma missa logo no início da manhã com intensa participação popular, a seguir dá-se o desfile folclórico que acontece saindo da igreja matriz pelas principais ruas da cidade, com os grupos de capoeiristas, reisados, maneiro-pau, lapinhas, quadrilhas, bandas cabaçais, penitentes, guerreiros, cocos, boneco Mateus

(personagem do Reisado), além destes, à frente vão as autoridades da festa, padre, deputados, prefeito, o Capitão do Pau. Nas calçadas e seguindo o desfile, os observadores, turistas e o povo. As Figuras 22 e 23 mostram as fachadas das casas e ruas ornamentadas.

Figura 22 – Ornamentação das ruas



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 23 – Boneco gigante Mateus



Fonte: Cícero J. Pereira.

Segundo o artista plástico Cícero José Pereira, responsável pela decoração no Centro Histórico de Barbalha, a decoração deixa viva a cultura popular, destaque Mateus, um personagem do reisado junto ao colorido da fantasia nas cores verde e amarelo. Primeiro, foram feitas as bandeirinhas, depois os portais,

em seguida, restaurados os bonecos gigantes criados há 20 anos. “Demos uma nova cara ao Mateus pequeno, balões, peneira, abanos, balões gigantes, os estandartes até unir tudo e ficar uma harmonia junina, de cores”, afirma o decorador.

A tradicional "Noite das Solteironas" iniciou a festa, no sábado (26), às 20h, na Praça Engenheiro Dória, a Praça da Estação. No local várias barracas com produtos, que segundo Socorro Luna, a solteirona mais famosa de Barbalha e que ajuda as mulheres conseguirem casamento, promovendo a festa das solteiras. São pedacinhos do Pau da Bandeira, imagens de Santo Antônio e diversas simpatias.

Oficialmente, a festa começa no domingo, com o tradicional hasteamento do Pau da Bandeira, que atrai milhares de pessoas da região e de várias cidades do Brasil. No dia da festa a população acorda ao som da Filarmônica São José e da banda Batutas do Rosário percorrem as ruas do Centro Histórico, junto com bandas cabaçais.

A missa tem início às 8h, na Igreja Matriz, com a bênção da bandeira de Santo Antônio. Em seguida, o Pau da Bandeira das crianças parte carregado por cerca de 150 crianças até a Praça do Rosário, projeto da Escola Josefa Alves de Souza. Antes da celebração, cerca de 600 cavaleiros desfilam no Centro, saindo do Estádio Inaldão até a Igreja do Rosário, na II Cavalgada Santo Antônio. As Figuras 24 e 25 mostram momentos do carregamento do mastro das crianças, também chamado mastaréu.

Figura 24 – Carregamento do mastro das crianças



Fonte: Araújo (2013, p. 201).

Figura 25 – Pau da Bandeira Mirim



Fonte: Diário do Cariri (2018)⁹.

Para incentivar a tradição do carregamento do pau da bandeira há o cortejo do pau da bandeira mirim que passa no centro da igreja, carregado por crianças e adolescentes, projeto que já tem mais de 10 anos.

À tarde as ruas são tomadas por milhares de pessoas. Lado a lado, manifestações culturais dividem atenções com outros shows musicais. Três palcos espalhados com bandas de forró, no Marco Zero, no Largo da Matriz e na Praça da Estação. É nessa hora que começa o cortejo do Pau da Bandeira, quando cerca de 200 homens, voluntários, carregam o mastro de 24m, pesando duas toneladas do Sítio São Joaquim até o pátio da Igreja Matriz.

Neste ano, a Prefeitura conseguiu apoio de R\$ 1,3 mi, do Ministério do Turismo para as atrações nacionais. “Depois que a festa se tornou patrimônio cultural do Brasil, abriu as portas de Brasília”, explica o secretário de Cultura e Turismo de Barbalha, Rômulo Sampaio, incentivando busca de patrocínio. Além disso, 80 grupos de tradição popular se apresentam em shows culturais.

A segurança durante o período festivo é tema bastante discutido. Em comparação à edição de 2017, quando foram contratados 100 homens para servir

⁹ Disponível em: <<https://diariodocariri.com/noticias/barbalha/145743/abertura-da-festa-de-santo-antonio-de-barbalha-missa-e-bencao-da-bandeira.html>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

todo o período festivo, foi revelado que na edição 2018 foram contratados 400 seguranças. “É um investimento alto, mas que vale mais do que qualquer uma banda dessas”, diz o prefeito.

No domingo a novidade é o cortejo folclórico e carregamento, foram erguidos muros de 3 metros de altura, instaladas portarias, para que as pessoas sejam revistadas antes de passarem para o centro histórico. Mas, continuou sendo permitida a entrada de garrafas de vidro e isopor com bebidas para consumo pessoal.

Ao entrar na festa, por qualquer lado da cidade, há barreiras e vistoria de homens e mulheres, além das bolsas que eram revistadas, para garantir a segurança pública. “Enquanto cidadão achei ótimo, mais segurança e tranquilidade para a gente. Uma festa com tanta gente de todo canto, quanto mais segurança melhor, a organização da festa tá de parabéns”, afirma um residente da cidade de Juazeiro do Norte.

No período da festa os cidadãos barbalhenses tiveram acesso gratuito à área pista do cadastramento biométrico, os já cadastrados tiveram apenas que reativar no espaço destinado ao serviço no site da Prefeitura, gerando um QR Code para ser usado como senha na bilheteria. Camarotes e área VIP continuam sendo setores pagos, sendo usado o sistema de lotes de ingressos para as vendas.

Os carregadores têm acesso a um espaço VIP e com direito a acompanhante. Para usufruir desse benefício é necessário entrar em contato com o capitão Rildo Teles para comprovar a participação no cortejo e assim, receber a carteira de passe livre.

O Serviço Social do Comércio (SESC) participou com programação entre os dias 25/5 a 7/6, na tradicional Festa de Santo Antônio. A programação aconteceu em diferentes horários ao longo dos dias e ofereceu apresentações musicais, feira de negócios, quermesse, cortejos e apresentação de orquestra.

Um dos destaques foi o show de um dos acordeonistas mais conhecidos na atualidade no Brasil, o Chambinho do Acordeon, que subiu ao palco no Largo do Rosário do dia 27. Mais cedo, o Serviço Social do Comércio (SESC) realizou o cortejo de trinta grupos de tradição popular, saindo da Igreja Matriz em direção a Igreja do Rosário, sendo uma importante oportunidade de prestigiar a cultura e arte da tradição popular caririense.

As atividades foram articuladas pela Unidade Juazeiro do Norte do SESC, a partir dos projetos SESC Cultura de Raiz, SESC Sonridades e SESC Instrumental, iniciativas que contemplam apresentações de artistas e grupos durante o ano inteiro. Todas as atividades dentro dos Festejos de Barbalha são gratuitas e voltadas a todas as idades.

Momento emocionante para o público durante os festejos é o casamento das 15 Noivas de Santo Antônio (Figura 26). O cortejo, em carro aberto, ocorreu no domingo, passando pelas ruas do Centro Histórico de Barbalha até a Igreja Matriz. As noivas, na maioria, são pessoas carentes financeiramente que vivem “um dia de princesa” e que, ao final, são presenteadas com uma chuva de pétalas de rosa. Em 2018, houve casamento civil com 15 noivas, antecipando a cerimônia religiosa coletiva, do dia 3 de junho.

Figura 26 – Casamento coletivo que compõe a festa religiosa



Fonte: George Wilson.

Recebidos, na Escola de Saberes, familiares e convidados dos noivos participam da festa, momento de dançarem a valsa, executada pela Banda Armorial. Os 15 bolos também foram compartilhados com a comunidade presente ao evento. Em relato, moradora da zona rural de Barbalha afirma

Estou muito feliz, esperei muito por esse momento, é um sonho realizado. Deus me deu essa graça, estou muito feliz, eu e meu esposo estamos muito felizes. Nos conhecemos na festa do pau e hoje estamos participando desse sonho de casar na festa.

Para a realização da festa, a organização do evento conta com o apoio de empresas que cedem bolos, produção dos noivos, ornamentação da igreja, música,

carros, fotos e imagens, além de diversas outras equipes que colaboraram para a realização da festa de casamento das noivas de Santo Antônio de Barbalha.

Domingo 27 de maio de 2018, um dia histórico para as páginas religiosas da cidade de Barbalha, data que marca a abertura da festa religiosa de Santo Antônio, padroeiro da cidade. Nesse dia, a cidade é aquecida pelo calor humano dos que tem fé e devoção a um dos santos mais queridos e mais populares da igreja católica, Barbalha faz parte da consagração e louvor, reunindo o povo para reverenciar o Santo protetor dos humildes.

A celebração de missa de abertura da festa na Igreja Matriz, parte dos festejos em honra a Santo Antônio, leva os devotos a lotarem o templo, alegremente cantando, louvando e rezando com o presidente da celebração e concelebrantes convidados dentre as quais no âmbito municipal prefeito, secretários, vereadores, lideranças políticas e comunitárias.

A missa é longa, cantada, quase dançada, o ofertório se prolonga porque todos levam o que têm de melhor, produtos, frutas, o que plantam, artesanatos, o que faz toda a cidade participar. É uma manhã tranquila, é uma manhã de festa de cidade pequena, de Barbalha, cidade pacata, do interior cariense. Espaço agradável, onde todas as pessoas se conhecem, onde cada brincante é amigo do outro, onde toda a cidade brinca junto formando grande comunidade. O cortejo pela cidade leva todos a perfilarem do lado de fora da igreja, bandas, orquestras se ativam, e o povo sai pela cidade tocando, dançando, toda a cidade brinca junto. Residente de 99 anos afirma que

Depois da missa de Santo Antônio tem festa, mas na festa de Santo Antônio não havia dança. Era só o povo da cidade mesmo, alguns vizinhos do Crato, Juazeiro que às vezes vinham, mas depois começou a mudar ficou cheio de visitantes, vem gente de todo o estado, muita gente, animado, a festa é bem animada.

A missa participativa correlaciona a cultura popular com muitos grupos folclóricos, com oferendas comunitárias que apresentam produtos alimentícios e industriais. Nesse momento de oferendas tudo é apresentado em versos por repentistas de Barbalha e Região do Cariri.

Antes do encerramento da Santa Missa, tem a benção da bandeira que será hasteada no largo da igreja Matriz de Santo Antônio. A Figura 27 mostra missa de abertura da festa e a Figura 28 a benção da bandeira.

Figura 27 – Missa de Abertura da Festa



Fonte: Eloi (2018).

Figura 28 – Benção da Bandeira



Fonte: Eloi (2018).

Logo depois da celebração da missa ocorre o cortejo com todos os grupos folclóricos a céu aberto de Santo Antônio de Barbalha, com saída da Igreja da Matriz cruzando a Rua do Vídeo até o largo da igreja do Rosário. O prefeito municipal fala oficialmente declarando aberta a festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade. No período da tarde vão ao Sítio São Joaquim colher o pau da bandeira, que

servirá de mastro. Esse pau tem mais de 20 metros de comprimento e pesa cerca de duas toneladas, segundo os experientes carregadores. Alguns carregadores têm décadas de participação no cortejo.

Trata-se de ritual que atrai as pessoas do lugar que gostam de participar das etapas do cortejo, atesta o depoimento de carregador¹⁰ “Este momento é uma tradição que já vem de família. Para mim, é uma grande alegria participar. Comecei com 8 anos e estou com 56 anos que acompanho. Agora, estou mais na organização” (SANTOS, 2015). A Figura 29 mostra o fincamento do pau da bandeira.

Figura 29 – Fincamento do Pau em frente à Igreja Matriz de Barbalha/CE



Fonte: Eloi (2018).

Depois da abertura oficial, os festejos de Santo Antônio, em Barbalha, têm continuidade e, todas as noites, são realizadas as tradicionais quermesses, na Praça da Estação. Logo após a trezena (treze dias de novenas em honra ao padroeiro), têm-se as barracas com bebidas e comidas típicas, atrações musicais, leilões. A tradição se mantém viva e movimentada a Cidade.

Em 1º de junho, na Praça da Estação, ocorre as apresentações do grupo Cariri Choramando, João Emanuel e Banda Pau de Arara. O leilão, que reúne as famílias barbalhenses na diversão “do quem dá mais” nas prendas obtidas junto à

¹⁰ Raimundo Francelino Filho (Neo). Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/arvore-e-cortada-para-festa-do-pau-da-bandeira-1.1293936>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

comunidade. O Coral Pau de Arara se apresenta. Os shows de Júnior Mendes, Luiz Fidelis e Antônio Marcos. O segundo e último leilão aconteceu no dia 9 de junho. Um empresário da cidade assim se refere aos leilões:

São muito animados, fica a disputa de quem consegue arrebatar os produtos, uma brincadeira saudável e salutar, que ainda contribui para ajudar as entidades religiosas e sociais do local. É um momento de muita alegria e diversão, principalmente para os mais velhos, as famílias e os convidados da cidade de Barbalha (Empresário, 58 anos).

E uma jovem faz questão de dar depoimento sobre a festa da cidade:

Barbalha é tradição, os organizadores da festa os anos anteriores estavam acabando com essa tradição, mas graças a Deus a nova organização está trazendo e fazendo a diferença de novo na Festa de Barbalha está de parabéns e muito obrigado a todos que estão fazendo parte dessa nova história fico feliz por vê essa mudança parabéns prefeito e vereadores que está fazendo a diferença meu muito obrigado a todos (32 anos).

A Figura 30 apresenta área das barracas de Barbalha.

Figura 30 – As Barracas



Fonte: Eloi (2018).

Para uma dona de casa da cidade de Jardim-CE, participar das quermesses é uma alegria, assim se expressa:

[...] é muito bom tá aqui, são mais de 2 décadas participando desse festejo e hoje estou mais uma vez brincando na festa com meus parentes e amigos. Não gosto da festa do parque não, achamos muito melhor aqui, tem povo de família, música tradicional e boa, além das maravilhosas comidas.

Outra jovem de 21 anos, da cidade de Barbalha, diz que “estar nas noites da igreja é muito gratificante e tranquilo, aqui fazemos amigos, celebramos a cultura

e comemos as comidas típicas, para mim não tem festa melhor”. Depoente de 48 anos residente de Missão Velha – CE diz:

É uma festa muito boa, com cortejos e muitas tradições tem gente de todo canto atrás de pegar no Pau ou beber o chá pra ver se casa, é só alegria muita dança [...] de tudo tem no Pau da bandeira de Barbalha todo ano eu venho pra festa esse ano eu adorei, foi muito divertido. E se Deus quiser para o ano estarei lá de novo.

Uma senhora de Araripina afirma: “a cada ano me surpreende a alegria do povo Caririense. A organização se renova preservando a tradição e a cultura dessa gente maravilhosa. Parabéns aos organizadores” (59 anos, Araripina - PE).

Em 2018, a festa de Santo Antônio superou as expectativas, vi a importância do resgate a cultura e tradições, afirma participante de 34 anos, de Iguatu-CE. A Figura 31 apresenta a procissão de Santo Antônio.

Figura 31 – Procissão de Santo Antônio



Fonte: Eloi (2018).

As dimensões lúdicas, experienciais ou socio religiosas das formas de expressão vão, aos poucos, cedendo lugar ao espetáculo, que segundo Silva (2011) ressalta que é neste contexto que ocorrem transformações significativas nas apresentações do reisado de origem no Congo, semelhantes aos de Barbalha, raízes do povo africano. Estas se tornam mais curtas, com duração de cerca de quinze a vinte minutos, de modo a atender às necessidades dos eventos nos quais passam a figurar como atrações.

No evento do cortejo do pau, grupos de amigos se caracterizam com roupas, bonés e adereços, semelhante aos festejos carnavalescos. No dia do pau da

bandeira ruas são tomadas por milhares de pessoas em circulação, barracas comercializam comidas típicas da região, bebidas são vendidas, pessoas vestem camisas que lembram os famosos abadáis do carnaval em Salvador. O crescimento nas vendas foi registrado em diversos setores, materiais de construção, móveis, eletroeletrônicos, vestuário, perfumaria, calçados, bijuterias, entre outros. A Câmara de Dirigentes Lojistas de Barbalha (CDL) estima que o volume de negócios realizados durante a edição da festa neste ano superou em 30% o resultado obtido pelos lojistas no mesmo período do ano passado. A Figura 32 mostra grupo de amigos com abadáis.

Figura 32 – Grupo de Amigos Fantasiados com abadáis



Fonte: Eloi (2018).

O turismo cultural-religioso na Festa de Santo Antônio em Barbalha/CE revela a existência desses aspectos vinculados aos campos do sagrado/profano pela natureza das práticas e percepções em uma sociedade que se encontra em constante deslocamento como no Brasil. Vários elementos formam o campo do sagrado e profano traz no seu interior questões conflitantes, visto que, como país multicultural e multe religioso, essas categorias não são estaques, e, muitas vezes convergem.

Nesse sentido, a religião é tratada como um veículo de poder e de política, com as devidas representações do poder simbólico, como as alocuções, as orações o desfile das manifestações folclóricas, e outros símbolos pertinentes à

cultura regional as manifestações religiosas. Nesta perspectiva, A Festa de Santo Antônio apresenta uma espécie de dialética que engendra exercício de poderes, mostrando uma tênue passagem do espaço sagrado, o templo, ao campo profano, o espaço urbano num processo que compõe um espaço imaginário de relações de força que integra o indivíduo com seu espaço físico, transformando as relações e o meio social em que vive a partir da sua relação com o sagrado e o profano. Enfim, a religião é analisada como um instrumento capaz de engendrar um campo simbólico de relações de forças, inclusive de força política/profana, que se configura em diversos tipos de representações.

Concordamos com Pierre Bourdieu (1998, p. 15) que afirma ser o poder simbólico um poder subordinado, ou seja, um modo transformado de poder e que, à vista disso, é, muitas vezes, irreconhecível, interagindo com várias instâncias sociais, o que faz dele um poder diferenciado, embora não deixe de ser uma maneira transfigurada e legitimada de outras constituições de poder como o sagrado e o profano.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio de Barbalha-CE faz parte da identidade do povo barbalhense, símbolo cultural/religioso. Instrumento de transformação da paisagem e interação com o lugar, uso do espaço público e mudança da rotina da cidade que festeja o padroeiro e se envolve nas manifestações culturais de cunho profanas. A celebração torna-se objeto de consumo e a festa passa a ser comercializada como entretenimento promotor do lazer e do turismo em Barbalha. O reconhecimento da festa como patrimônio cultural brasileiro e a inscrição no livro de registro de celebrações, em 2015, pelo Iphan, oficializa a manifestação cultural popular da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio, promovendo a salvaguarda e fomentando parcerias entre as instituições com o intuito de preservação do patrimônio.

5 CONCLUSÃO

As festas, procissões e lugares sagrados têm motivado o turismo religioso no mundo, e no Brasil não seria diferente. Além dos aspectos simbólicos das manifestações da cultura, as comemorações religiosas despontam para ações vinculadas ao movimento do comércio, lucro, consumo e diversão. Algumas dessas práticas são percebidas como fora do contexto sagrado, mas encontram-se inseridas nas festas dos santos padroeiros e nos espaços religiosos.

No universo religioso dos turistas e devotos há espaço para práticas internas como a oração, contudo, é possível verificar momentos de descontração, lazer e consumo. Nas ações que transitam pelo sagrado e profano, práticas de fé, devoção, penitência, comércio e diversão durante as festas católicas dos santos possibilitaram verificar que ambas as categorias são complementares na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha-CE.

O trabalho apresenta uma análise geral e macro da paisagem da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha -CE, a partir da origem do tecido urbano em festa sagrada e profana, de sua evolução e conseqüente transformação, para em seguida estabelecer observações mais pontuais como: a convergência entre a festa sagrada e profana; a carnavalização do cortejo do pau; o turismo, especialmente o religioso e suas imbricações com a economia da cidade; as manifestações folclóricas mais representativas presentes no desfile da festa e a patrimonialização em nível federal e estadual.

O traçado urbano original é marcado pelo estabelecimento do espaço público, inicialmente e marcadamente como espaço da Festa Sagrada que ao longo do processo histórico é transmutada em espaço profano sem perder sua simbologia religiosa, através da apropriação e do reconhecimento das dinâmicas socioespaciais dos sujeitos ao longo da história. Estes espaços foram aqui investigados em suas diversidades e identidades, do sagrado ao profano.

Desde 1928, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha, manifestação cultural do Ceará, é uma celebração popular que, antecede os festejos do dia de Santo Antônio de Pádua. Foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e inscrita no Livro de Registro das Celebrações, pelo IPHAN, em 2015. A data central da Festa é o domingo mais próximo de 31 de maio, dia do carregamento e hasteamento do pau da bandeira.

A festa trata-se de uma grande celebração que acompanha a versão local do costume de erguer, em frente à Igreja Matriz da cidade, um tronco de grande porte para receber a bandeira do santo padroeiro da cidade; sendo o primeiro bem cultural imaterial cearense.

Investida de atributos culturais associados a identidade local, tornou-se o evento da cidade que provavelmente reúne maiores estatísticas de circulação de produtos, bens e serviços, possibilitando um efervescente período de atividades econômicas pela via do turismo. Nesse sentido, a administração municipal e empresa privada, passaram a ver as oportunidades que a valorização e a preservação das manifestações culturais, durante o cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, podem oferecer para o desenvolvimento da cidade.

Conforme demonstramos as convergências do turismo religioso e econômico plasmadas na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. cremos que durante a dissertação ficou explicado que a ampliação do volume de comercialização de produtos e serviços observada na festa beneficiou empresas de diferentes setores da economia formal e informal.

Qual o sentido da Festa de Santo Antônio para seus principais atores, os carregadores do pau? Procuramos elencar caminhos possíveis e respostas para a gama de interrogações, e contradições que envolvem a festa religiosa e a profana e como se relacionam.

Os autores mais importantes da festa, os carregadores do Pau da Bandeira eles criam um espaço dentro da Festa marcado por suas experiências de vida, suas crenças, seus valores e suas condutas, tudo isso eles transmitem para o público que os assiste naquele percurso dos 8 km de carregamento do pau onde rezam, cantam em louvor a Santo Antônio.

O processo de carnavalização do cortejo do Pau da Bandeira, o aspecto apontado para esse processo e promovido pelas camadas populares da sociedade barbalhense. Esse foi delineado pela transformação do cortejo num momento festivo, com danças, bebidas, músicas e comidas, e pela erotização do mastro, como por exemplo, a mulher que pegar ou montar no pau tem possibilidades de casar mais cedo. Outro recurso é receber de um dos carregadores do pau uma lasca deste. Pode-se até fazer o chá da lasca para apressar o casório.

Instituído pela Prefeitura do município em 1973 com o propósito de resgate e preservação das manifestações folclóricas a celebração do cortejo reúne

diversas manifestações folclóricas existentes no município de Barbalha como: reisados, quadrilhas, penitentes, dança do coco, bandas cabaçais, entre outros grupos, que promovem maior brilho e dinamismo a Festa, além de valorizar a identidade e a cultura local.

Nesse contexto a Festa representa o sentido de pertença, ou seja, o processo organizativo interno do grupo e das redes vinculares estabelecidas, que formam e oferecem as bases da sociabilidade grupal de um povo ou comunidade em determinado espaço. Especialmente em nosso estudo, interpreta especialmente, sua realidade mediada por valores simbióticos culturais através de seus próprios sentidos.

Sugere-se que a cidade de Barbalha realize um trabalho de requalificação urbana para acompanhar o possível crescimento expresso no dia do carregamento do Pau da Bandeira, principalmente no que concerne à melhoria do trânsito, pois a cidade tem vias de curto alargamento, e os turistas tem dificuldade de se locomover no domingo que acontece o carregamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T. N. M. **Os centros de romaria no Ceará e o consumo religioso**. 2002. 110 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.
- ABUMANSSUR, E. S. (Org.). **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Festas pra que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 134-150, jun. 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/147/147>>. Acesso em: 19 out. 2018.
- ALEXANDRE, J. F.; SOUZA, O. T.; BEZERRA, S. N. R. F. Festa de Santo Antônio de Barbalha: patrimônio de fé, devoção e carnavalização. In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013. p. 44-79.
- ALVES, L. A. S.; JUNQUEIRA, S. R. A. As festas religiosas, o profano no sagrado: formação dos professores. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 435-442, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/viewFile/10700/10094>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- AMARAL, R. As mediações culturais da festa. **Revista Mediações**, Londrina, v.3, n.1, p. 13-22, jun./jul. 1998a.
- _____. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que “não é serio”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998b.
- AMIROU, R. **Imaginário turístico e sociabilidades de viagem**: estratégias criativas. Porto: APTUR, 2007.
- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.
- ANUÁRIO DO CEARÁ 2018-2019. **Grupos 2012**: grupo de incelências de Barbalha. Fortaleza: O POVO, 2018. Disponível em: <<http://www.anuariodoceara.com.br/perfis/grupo-de-incelencias-de-barbalha/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- ARAÚJO, J. E. C. Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidades e multiangulações. In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013. p.184-213.

_____. **O papel político-pedagógico das manifestações da cultura popular na construção de modelos e conceitos de relações sociais: o caso da Festa do Pau da Bandeira de Barbalha.** 1994. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1994.

AZZI, R. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira.** Petrópolis: Vozes, 2005.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.** São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1987.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec, 1993.

BALANZÁ, I.; NADAL, M. **Marketing e comercialização de produtos turísticos.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Documento referencial do pólo de desenvolvimento integrado Cariri cearense/Banco do Nordeste.** Fortaleza: BNB, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

_____. **O sagrado selvagem e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1975.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo.** 2. ed. São Paulo: SENAC, 1998.

BENJAMIN, R. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. **ALAIC**, São Paulo, v. 5, n. 8-9, p. 280-288, ene./dic. 2008. Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/75/73>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua.** Campinas: Papyrus, 1989. Disponível em: <sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/a_cultura_na_rua.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. **O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial.** Brasília: Minc, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimoniomaterial_1Edicao_m.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

_____. Ministério da Cultura. **Dossiê de Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. Fortaleza, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466/12 sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saúde.gov.br/resoluções/2012/reso466.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017>.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Viagens motivadas pela fé mobilizam cerca de 18 milhões de pessoas**. Brasília: MTur, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/turismo/2015/01/viagens-motivadas-pela-fe-mobilizam-cerca%20de-18-milhoes-de-pessoas>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CAILLOIS, R. **O homem e o sagrado**. Paris: Gallimard, 1989.

CARDOSO, A. I. D.; SILVA, J. F. Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: intervenção cultural na natureza mediada pela fé. In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013. p.138-157.

CARIRY, R. Festa do Pau da Bandeira de Barbalha. In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013. p. 80-137. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/livrosentidosdevocao.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

CARVALHO, A. C. F.; SOUSA, O. T. **Coletânea aspectos do campo religioso caririense: pesquisas 1998-2008**. Recife: Soluções gráficas, 2016.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo, 1988.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: CASTEL, R; WANDERLEY, L. E. W.; BELFIORE-WANDERLEY, M. (Orgs.). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2004.

_____. As dinâmicas do processo de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação. **Cadernos CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1999.

CEARÁ. Casa Civil. **Lei complementar nº 78, de 26 de junho de 2009**. Dispõe sobre a criação da Região Metropolitana do Cariri, cria o Conselho de Desenvolvimento e Integração e o Fundo de Desenvolvimento e Integração da Região Metropolitana do Cariri – FDMC, altera a composição de microrregiões do estado do Ceará e dá outras providências. Disponível em: <<http://imagens.seplag.ce.gov.br/PDF/20090703/do20090703p01.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

CERTOU, M. **A cultura no plural**. 7. ed. Campinas-SP: Papyrus, 1995.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHAUÍ, M. A nação do semióforo. In: _____. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. cap. 5, p. 57-87.

_____. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p.11-29.

CHIANCA, L. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revistas ANTHROPOLÓGICAS**, ano 11, v. 18, 2007.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CORIOLOANO, L. N. M. Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: _____ (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premius, 2003.

_____. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

COSTA, E. G. **Anel, cordão, perfume barato**: uma leitura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo. São Paulo: EDUSP; Nova Stella, 1989.

CRISPIM, R. Festa de Santo Antonio movimenta R\$12 mi de negócios em Barbalha. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 13 jun. 2014. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/festa-de-santo-antonio-movimenta-r-12-mi-de-negocios-em-barbalha-1.1035305>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CRUZ, R. C. A. **Política de turismo e território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

CUNHA, L. **Economia e política do turismo**. Lisboa: Verbo, 2006.

_____. **Introdução ao Turismo**. Lisboa: Verbo, 2001.

D'ABADIA, M. I. V. Louvação e proximidade: as festas de padroeiros fora do Brasil. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 30, n. 1, p. 93-105, jan./jun. 2010.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

_____. O ofício do etnólogo ou como ter "Anthropological Blues". In: NUNES, E. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** 8. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

DEL PRYORE, M. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIÁRIO DO NORDESTE. Festa de Santo Antonio: cortejo do pau da bandeira arrasta multidão em Barbalha. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 28 maio 2017. Diário do Cariri. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/cidades/festa-de-santo-antonio-cortejo-do-pau-da-bandeira-arrasta-multidao-em-barbalha/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

DIAS, A. S. **Região caririense: turismo religioso e manifestações culturais na festa do pau sagrado de Santo Antônio de Barbalha**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

DIAS, R. O turismo religioso como segmento do mercado turístico. In: DIAS, R.; SILVEIRA, E. J. S. (Orgs.). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Alínea, 2003. p. 7-37.

DOURADO, H. A. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: Ed. 34, 2004. 384p.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESTEVAM, C. **A questão da cultura popular**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963.

FERREIRA, M. N. (Org.). **Identidade cultural e turismo emancipador**. São Paulo: USP, 2005.

FERRETI, S. F. Festas religiosas populares em terreiros de culto afro. In: RAGA, S. I. G. (Org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: EDUA/FAPEAM, 2007.

_____. **Religião e cultura popular: estudo de festas populares e do sincretismo religioso**. Palestra em Recife, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

_____. **Religião e cultura popular: estudo de festas populares e do sincretismo religioso**. Palestra em Recife, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

FESTA de Barbalha começa no domingo e se fortalece como patrimônio da cultura brasileira. 26 maio 2016. Disponível em: <<http://www.caririrevista.com.br/festa-de-barbalha-comeca-no-domingo-e-se-fortalece-como-patrimonio-da-cultura-brasileira/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

FIGUEIREDO, J. N. **A (com)sagração da vida**: formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe. Recife: UFPE, 1998.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida**. Tradução de Victor Hugo Lapenta. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GADAMER, U. A incapacidade para o diálogo. In: **Hermêutica filosófica**: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: PUC-RS, 2000.

GALIMBERTI, U. **Rastros do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.

GASTAL, S.; MOESCH, M. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. **O queijo e os vermes**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GUTIÁ, M. S. **Faces do São João**: relações sociais e a construção de uma festa em Ipujiara – sertão da Bahia. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/123369/326193.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

HAMMERSLEY, M. . **Leitura de pesquisa etnográfica**: um guia crítico. Londres: Longman, 1990.

HEBENBROCK, J. M. S. O processo comunicacional na festa popular de Santo Antônio, no sertão do Ceará. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12., 2010, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Intercom, 2010. p.1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0385-1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

HOORNAERT, E. **A Igreja no Brasil-colônia**: 1550-1800. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HORNBERGER, N. H. **Etnografia**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Plano de Manejo da Floresta Nacional do Araripe**. Dezembro, 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Anuário Estatístico do Ceará**. Fortaleza: IPECE, 2017.

IVANOVIC, M. **Turismo cultural**. Cidade do Cabo, África do Sul: Ken McGillivray, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo:Atlas, 2003.

LANG, C. E.; BERNARDES: J. S.; RIBEIRO, M. A. T.; ZANOTTI, S. V. **Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: EDUFAL, 2015.

LEMOS, C. T. **Religião e saúde: (re)significando as dores na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Descubra, 2008.

LEONEL, G. G. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.11, n. 15, p. 35-57, 2010.

LIMA, E. H. R. Incelenças de Barbalha/CE: usos da memória oral na invenção do patrimônio cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 13., 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2016. p.1-8. Disponível em: <http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462146115_ARQUIVO_TEXTOUFRGSMANU.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

LODY, R. **Santo também come**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

LOPES, M. S. Das origens da festa à brasileira. **Revista FAP**, Curitiba, v.1, p. 1-10, jan./dez. 2006.

LUZ, M. A. **Cultura negra em tempos pós-modernos**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Diversidade_Cultural/Cultura_negra_tempos_pos_modernos.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MAGALHÃES, L. H. Educação patrimonial: uma análise conceitual. In: ENCONTRO CIDADES NOVAS, 2., 2009, Londrina. **Anais...** Londrina: Centro Universitário Filadélfia, 2009. p.1-17. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/semana_educacao/1/completos/05.pdf>. Acesso em: 14 maio 2017.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: USP, 2000.

MARTINS, J. C. O. Festa de Santo Antônio de Barbalha-Ceará: sagrado e profano em circularidades de significados. In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013.

MARTINS, J. C. O.; FREIRE, E. “**E viva o pau!!!... E viva Santo Antônio!!!**” O sagrado e o profano na festa católica brasileira. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/8d/GT6-005-_viva_o_pauClerton_e_Edwilson.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: metodologia, planejamento. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Orgs.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

MEDINA, N. M. **Educação ambiental**: uma metodologia participativa de formação. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MENEZES, R. C. Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a escola francesa de Sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p.179-199, 2009.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, S.; RODRÍGUEZ, S. **Planejamento Integral do turismo**: um enfoque para a América Latina. Bauru: Edusc, 2001.

MONTEJANO, M. J. **Estrutura do mercado turístico**. São Paulo: Roca, 1999.

MORENO, T. M. O sagrado e o profano: o cemitério na cidade de São Paulo. **Revista Cordis**, São Paulo, n. 1, p. 1-11, 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/10321/7705>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NEVES, N. T. **Pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. 1997. (Texto mimeo).

OLIVEIRA, A. G. A. **Para além do sagrado**: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a festa de Santo Antonio de Barbalha-CE. 1999. 188 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 1999.

OLIVEIRA, C. D. M. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator**, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 23-32, 2007.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão-GO: UFG, 2011.

OLIVEIRA, N. R.; SANTOS, G. M. **Trabalho e sentido para a vida**: contribuições da Logoterapia para encontrar o sentido da vida no exercício da sua profissão. 2. ed. Natal: Offset, 2017.

OLIVEIRA, P. A. R. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

OTTO, R. **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 2005.

PARKER, C. **Religião popular e modernização capitalista**: outra lógica na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1999.

PASSOS, M. **Quando o povo é a festa**: o significado social e religioso do Círio de Nazaré. Disponível em: <http://encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398803717_ARQUIVO_ABHO_Tex_tocompleto2014.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PAZ, R. M.; SILVA, S. P. Nos bastidores da festa: o reisado do Congo e a dinâmica das relações entre os grupos populares e os poderes públicos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013. p. 158-213.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832014000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 set. 2018.

PEREIRA, P. S. C. **O baile de São Gonçalo em São Vicente Férrer**: a representação do guia na relação com o santo e com o promesseiro. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2008.

PEREZ, L. F. **Dionísio nos trópicos**: festa religiosa e barroquização do mundo: por uma antropologia das efervescências coletivas. Disponível em: <antropologia.com.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2017.

_____. Festas e viajantes nas Minas oitocentistas, segunda aproximação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 288-338, 2009.

PIRES, F. F. **Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho**: etnografia da Festa da Catingueira/PB. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2003.

RIBEIRO, C. M. Turismo religioso: fé, consumo e mercado. **E-Revista Facitec**, v.5, n.1, ago./dez. 2010.

RICHARDS, G. **Cultural attractions and European tourism**. Wallingford: Cab International, 2001.

RODRIGUES, A. Barbalha espera 350 mil para a festa de Santo Antonio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 23 maio 2018. Região. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/barbalha-espera-350-mil-para-a-festa-de-santo-antonio-1.1942604>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

ROLIM, F. C. **Religiosidade popular**. Disponível em: <<http://pensocris.vila.com.br/religiosidade.htm>> Acesso em: 15 nov. 20017.

SÁ, S. X.; BARBALHO, A. A Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE: Patrimônio Imaterial. **Conhecer - Debate entre o Público e o Privado**, Fortaleza, n.3, p. 464-512, 2011. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=politicaspUBLICASemdebate&page=article&op=view&path%5B%5D=381&path%5B%5D=480>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SAHLINS, M. D. **Ilhas da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SAMPAIO, W. C. **Gramsci**: política e educação. Maceió: EDUFAL, 2007

SANCHIS, P. **Arraial**: festa de um povo, as festa católicas portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

SANTOS, E. Árvore é cortada para festa do pau da bandeira. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 16 maio 2015. Editorias. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/arvore-e-cortada-para-festa-do-pau-da-bandeira-1.1293936>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2009 [1993].

SANTOS, R. R. **A festa que é a mesma, sendo continuamente outra**: a resignificação da Festa (do Pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades. 2015. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9762/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SCHWARTZ, S. B. **Segredos Internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

SCUBLA, L. **Ler Lévi-Strauss**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1998.

SETTON, M. G. J. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.15-25, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11855/13632>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

SICRIST, M. Folkcomunicação turística. In: GADINI, S. L.; WOLTOWICZ, K. J. (Orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 85-88

SILVA, C. T. S.; ALVES, J. F. L. O pau de Santo Antônio: tradição e modernidade acolhidas sobre o rito do forró eletrônico. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal/RN. **Anais...** Natal: UFRN, 2014. p.1-14.

Disponível em:

<http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401986450_ARQUIVO_OPAUDE_SANTOANTONIO.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SILVA, I. B. M. **Sentidos e devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: IPHAN, 2015

SILVA, J. F. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé! In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013. p. 214-237.

_____. Uma representação sócio-espacial da cultura no município de Barbalha: o embate entre tradição e modernidade como desafio educacional. In: CAVALANTI, M. J. M. et al. (Orgs.). **História da Educação**: vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SILVA, L. S. Carlo Ginzburg: o conceito de circularidade cultural e sua aplicação nos estudos sobre a música popular brasileira. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 72-83, jan./jun. 2017. Disponível em:

<<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/viewFile/19811896.2017v22n43p72/992>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SILVA, S. P. **A Festa de Santo Antônio de Barbalha - CE**: usos do passado no século XXI. 2018. Doutorado Interinstitucional da Universidade Federal Fluminense /Universidade Regional do Cariri, DINTER UFF/URCA, 2018.

_____. **Os sentidos da festa**: (re)significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha – CE (1960-1970). 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em:

<http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_simone_silva.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SILVEIRA, E. **Turismo religioso no Brasil**: uma perspectiva local e global. Juiz de Fora: Universidade de Juiz de Fora, 2007.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIQUEIRA, D. Pluralidade e trânsito religioso entre as novas religiosidades: sincretismo brasileiro constituinte. In: SIMPÓSIO DE RELIGIÃO E HISTÓRIA, 1., Assis, SP, 1999. **Anais...** Assis, SP: UNESP, 1999. Disponível em:

<<http://bmgil.tripod.com/sde47.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SOARES, I. M. Alguns registros sobre a Festa de Santo Antônio. In: SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. (Orgs.). **Sentidos e devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013. p. 238-256.

SOARES, I. M.; SILVA, I. B. M. **Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: IPHAN, 2013. p. 214-237. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_pau_da_bandeira_santo_ant%C3%B4nio_barbalha.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

SOUZA, O. T. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

_____. A festa do pau-da-bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): uma experiência religiosa popular. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2003. p.1-7. Disponível em: <<http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.547.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

_____. Devoção, riso e sacrifício na Festa do Pau da Bandeira. **Os Urbanitas - Revista De Antropologia Urbana**, v. 6, n. 9, 2009. Disponível em: <<http://www.osurbanitas.org/osurbanitas9/oceliotdesouza-09-2009.html>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 331-351, 2004.

SOUZA, J. V. A. A festa e o calendário religioso na demarcação dos tempos da vida social. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., Salvador, 2011. **Anais...** Salvador: 2011.

SOUZA, L. M. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPINK, M. J. P. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**. v. 31, n. 1, p. 7-22, jan./jul., 2000.

_____. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.300-330, 1993.

SÜESS, G. P. **Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida**. Tradução de Antonio Steffen. São Paulo: Loyola, 1979.

TEODORO, R. J. **Fazendo festa, criando história(s) e contando estória(s): o Doze em Ouro Preto, MG**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

THOMPSON, E. L. **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-24.

TOMAZZONI, E. L. Dimensão cultural do turismo: uma proposta de análise. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v.5, n.3, jul./ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/vol16edegartomazzoni.php>>. Acesso em: 14 maio 2017.

TRIGO, L. G. G. **Turismo e qualidades: tendências contemporâneas**. Campinas: Papyrus, 2000.

TRIGUEIRO, O. M. Festas Populares. In: GADINI, S. L.; WOLTOWICZ, K. J. (Orgs.). **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 107-112.

TURNER, V.; TURNER, E. **Image and pilgrimage in Christian culture**. New York: Columbia University Press, 1978.

VAINFAS, R. Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**, São Paulo, n.57, p. 28-37, mar./maio 2003.

VALLA, V. V. **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VAN DE PORT, M. Candomblé em rosa, verde e preto: recriando a herança religiosa afro-brasileira na esfera pública de Salvador, na Bahia. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 123-164, jul./dez. 2012.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VIEIRA, A. T.; FEITOSA, F. A. C.; BENVENUTI, S. M. P. (Orgs.). **Diagnóstico do município de Barbalha**. Fortaleza: CPRM, 1998. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/15834/1/Rel_Barbalha.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

VIEIRA, J. M. **Turismo Religioso**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2000. p. 123-133.

VILAR, M.; MARQUES, R.; GONÇALVES, C. U.; SOUZA, O. T.; PAZ, R. M. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: algumas reflexões. In: VILAR, M.; MARQUES, R. (Orgs.). **Estudos regionais: limites e possibilidades**. Crato: CERES, 2004. p. 15-158.

WIELEWICKI, V. H. G. **A pesquisa etnográfica como construção discursiva**. Paraná: UEM, 2001.

WILLAIME, J. Max Weber. In: HERVIEU-LÉGER, D.; WILLAIME, J. P. (Orgs.). **Sociologia e Religião: abordagens clássicas**. São Paulo: Ideias & Letras, 2009. p. 71-123.

ZALUAR, A. Milagre e castigo divino. **Religião e Sociedade**, v. 5, p. 161-187, 1980.

_____. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. Os santos e suas festas. **Religião e Sociedade**, v. 8, p. 53-60, 1982.